

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO**  
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS  
MESTRADO EM LINGÜÍSTICA

PRODUÇÃO TEXTUAL NO ENSINO MÉDIO:  
uma análise da informatividade

**Eugenio Pacelli Jerônimo Santos**

**Recife**  
**2002**

**Eugenio Pacelli Jerônimo Santos**

PRODUÇÃO TEXTUAL NO ENSINO MÉDIO:  
uma análise da informatividade

**Recife  
2002**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS  
MESTRADO EM LINGÜÍSTICA

PRODUÇÃO TEXTUAL NO ENSINO MÉDIO:  
uma análise da informatividade

**Dissertação de Mestrado apresentada ao  
Programa de Pós-Graduação em Letras da  
Universidade Federal de Pernambuco para  
obtenção do Grau de Mestre em Lingüística.**

ORIENTADORA: Profa. Dra. Marígia Ana de Moura Viana

ORIENTANDO: *Eugenio Pacelli Jerônimo Santos*

RECIFE  
2002

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Orientadora**

---

**Examinadora**

---

**Examinadora**

A Amanda, incentivo para todas as minhas iniciativas.

A Alda, companheira de todas as horas, que me permitiu total dedicação a este trabalho.

A minha mãe, Iranete (*in memoriam*), que me ensinou a ternura do verbo.

A meu pai, Manoel Jerônimo, com quem aprendi a admirar o cultivo da terra e da palavra.

A minha família, pelo apoio e compreensão.

A tia Luzinete, que me alfabetizou à sombra da algarobeira.

À Profa. Dra. Marígia Viana, pela orientação lúcida e compreensiva.

Aos professores do curso de Mestrado da Universidade Federal de Pernambuco, pelo universo intelectual em que me inseriram.

A Flávia Ferreira, professora e amiga, que me cedeu os textos integrantes do *corpus* aqui analisado e apresentou relevantes sugestões.

Aos alunos produtores dos textos dos quais se ocupou esta pesquisa.

A Diva e Eraldo, solícitos na resolução das questões administrativas.

## **RESUMO**

Esta dissertação analisa o nível de **informatividade** em produções textuais de alunos do ensino médio, ou seja, examina se as informações apresentadas são esperadas pelo receptor, se trazem dados suficientes para a compreensão do texto, enfim se são adequadas à situação comunicativa (Beaugrande & Dressler, 1981). Parte da hipótese de que o nível de **informatividade** é baixo e busca identificar qual a causa desse baixo nível de **informatividade**. A fundamentação teórica é a da lingüística textual (LT), ramo dos estudos lingüísticos que surgiu nos anos 60, na Europa, com maior relevo na Alemanha. Desde a década de 80, autores brasileiros como Koch & Fávero (1983) e Marcuschi (1983) têm desenvolvido trabalhos no campo da LT. O *corpus* desta pesquisa é formado por produções textuais de uma turma do 3º ano do ensino médio de uma escola da rede particular de ensino do Recife. Foram examinadas 74 redações, pertencentes a duas produções textuais. O primeiro grupo de textos, Produção Textual I, foi escrito como avaliação regular da escola para atribuição de nota; o segundo, Produção Textual II, como atividade para esta pesquisa, embora os alunos não tenham tomado conhecimento disso previamente. A análise da produção dos alunos revelou que o nível de **informatividade** é precário, tanto na Produção Textual I, quanto na Produção Textual II. Os problemas advêm principalmente da apresentação de informações do senso comum, da falta de explicitação dos dados e da contradição ao mundo real. Um dos fatores que contribui para o insatisfatório padrão de **informatividade** é a ausência de situações comunicativas reais, com um interlocutor verdadeiro (real), um propósito comunicativo e condições naturais de produção, com realização de consultas a fontes de informação.

## SUMÁRIO

RESUMO .....	7
INTRODUÇÃO .....	10
<b>CAPÍTULO 1 .....</b>	<b>13</b>
A LINGÜÍSTICA DE TEXTO E O CONCEITO DE INFORMATIVIDADE .....	13
1.1 <i>Lingüística de texto</i> .....	13
1.2 <i>Desenvolvimento da lingüística de texto</i> .....	15
1.3 <i>Objeto de estudo da lingüística de texto</i> .....	16
1.4 <i>Fatores de textualidade</i> .....	21
1.5 <i>A informatividade na constituição do texto</i> .....	23
1.5.1 <i>Forma e conteúdo na informatividade</i> .....	27
1.5.2 <i>A relação entre informatividade e gêneros textuais</i> .....	29
1.5.2.1 <i>A informatividade numa notícia de jornal</i> .....	31
1.5.2.2 <i>A informatividade num poema</i> .....	34
1.5.2.3 <i>A informatividade numa crônica</i> .....	35
1.5.3 <i>Informatividade e título</i> .....	39
1.5.4 <i>A relevância da informatividade</i> .....	41
<b>CAPÍTULO 2 .....</b>	<b>45</b>
O CORPUS: CONSTITUIÇÃO E METODOLOGIA DE ANÁLISE.....	45
2.1 <i>A constituição do corpus</i> .....	45
2.2 <i>Os sujeitos pesquisados</i> .....	45
2.3 <i>Condições de elaboração da produção textual I</i> .....	46
2.4 <i>Condições de elaboração da produção textual II</i> .....	49
2.5 <i>Critérios para análise da informatividade</i> .....	50
2.6 <i>Projeção das expectativas do receptor</i> .....	52
2.6.1 <i>Expectativas do receptor da Produção Textual I</i> .....	53
2.6.2 <i>Expectativas do receptor da Produção Textual II</i> .....	53
<b>CAPÍTULO 3 .....</b>	<b>54</b>
ANÁLISE DA INFORMATIVIDADE.....	54
3.1 <i>Produção Textual I</i> .....	54
3.1.1 <i>Previsibilidade das informações</i> .....	58
3.1.2 <i>Insuficiência dos dados</i> .....	60
3.1.3 <i>Desrespeito ao mundo real</i> .....	63
3.1.4 <i>Problemas quanto às técnicas de arranjos de seqüências, de acordo com a informatividade — relação título X texto</i> .....	70
3.1.5 <i>Problemas quanto aos gêneros textuais</i> .....	75
3.1.6 <i>Problemas considerando-se o contexto imediato</i> .....	79
3.1.7 <i>O que os dados da Produção Textual I revelam</i> .....	80
3.2 <i>Produção Textual II</i> .....	82
3.2.1 <i>Previsibilidade das informações</i> .....	86



3.2.2 <i>Insuficiência dos dados</i> .....	88
3.2.3 <i>Desrespeito ao mundo real</i> .....	91
3.2.4 <i>Problemas quanto às técnicas de arranjos de seqüências, de acordo com a informatividade – relação título X texto</i> .....	97
3.2.5 <i>Problemas quanto aos gêneros textuais</i> .....	101
3.2.6 <i>Problemas considerando-se o contexto imediato</i> .....	107
3.2.7 <i>O que os dados da Produção Textual II revelam</i> .....	111
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>115</b>
4. PRODUÇÃO TEXTUAL I E II — ANÁLISE COMPARATIVA DOS RESULTADOS .....	115
4.1 <i>Previsibilidade das informações</i> .....	115
4.2 <i>Insuficiência dos dados</i> .....	117
4.3 <i>Desrespeito ao mundo real</i> .....	117
4.4 <i>Problemas quanto às técnicas de arranjos de seqüências, de acordo com a informatividade – relação título x texto</i> .....	119
4.5 <i>Problemas quanto aos gêneros textuais</i> .....	119
4.6 <i>Problemas considerando-se o contexto imediato</i> .....	120
5. CONCLUSÕES .....	121
6. BIBLIOGRAFIA .....	125
7. ANEXOS .....	128
7.1 <i>Orientação para a Produção Textual I</i> .....	128
7.2 <i>Orientação para a Produção Textual II</i> .....	129
7.3 <i>Tabelas para avaliação dos textos</i> .....	130

## **INTRODUÇÃO**

Algumas pesquisas (cf. Pécora, 1983, Costa Val, 1991), e mesmo a observação cotidiana dos professores, têm constatado que a qualidade dos textos produzidos pelos alunos é precária. Um dos aspectos em que a produção textual dos estudantes apresenta falhas é as informações dadas, que em geral ou são demasiadamente óbvias e conhecidas ou muito gerais e incompletas.

Esta dissertação dedica-se ao estudo desse problema. Segue-se a orientação da lingüística de texto e emprega-se o conceito de **informatividade**, formulado por Beugrande & Dressler (1981), que diz respeito ao grau de previsibilidade da informação. Adota-se também o ponto de vista de Costa Val (1991), para quem as informações, além de exigirem um certo grau de imprevisibilidade, carecem trazer dados suficientes para a compreensão do receptor.

Tem-se o propósito de avaliar por que os textos escritos por alunos do 3º ano do ensino médio apresentam problemas quanto à **informatividade**. Procura-se, em decorrência, responder à seguinte questão: *Por que é baixo o padrão de informatividade em textos de alunos do Ensino Médio?*

Escolheu-se uma turma do 3º ano do ensino médio, visto que os seus alunos, em tese, já estão completando 11 anos de experiência na escritura de textos, 8 anos do ensino fundamental, mais 3 do ensino médio, em conclusão. Deste modo, os resultados encontrados são de estudantes submetidos a mais de uma década de produção de textos e na iminência de ingressarem na universidade. Justifica-se a escolha do colégio, pertencente à rede particular de ensino da cidade do Recife, porque ele atende a uma clientela de vários níveis sócio-econômicos, o que, hipoteticamente, vai fornecer dados de um amplo universo dos estudantes; também porque o bom relacionamento do pesquisador com a professora da turma facilitou a obtenção dos dados.

Foram os dados colhidos em duas etapas distintas. Na primeira, os alunos escreveram uma dissertação para obtenção de nota dentro do processo regular de avaliação do colégio. Eles criaram o texto a partir de dois textos-base que abordavam a questão da pobreza. Como normalmente ocorre nestas circunstâncias, houve limitação de tempo, proibição de consulta a fontes de informação, ausência de um interlocutor real e de um propósito comunicativo que ultrapassasse os limites de uma avaliação escolar.

Na segunda etapa, os alunos produziram um texto especialmente para esta pesquisa, embora não tenham sabido previamente disso. Eles escreveram informando por que escolheram o curso superior para o qual iriam fazer vestibular. Os receptores dos textos são alunos da mesma escola que posteriormente optarão por um curso superior. Os textos formarão uma coletânea que deverá ficar na biblioteca do colégio.

Compõe-se o *corpus* de duas produções de 37 textos, somando, portanto, 74 textos, escritos por alunos de uma faixa etária que varia entre 16 e 18 anos.

Fez-se a transcrição literal dos textos, não se procedendo a nenhuma alteração. Na análise dos dados, os exemplos são predominantemente ilustrados por fragmentos dos textos; mas, quando necessário, foram apresentados textos integrais.

Neste trabalho, usam-se como sinônimos os termos **artigo de opinião** e **dissertação** (texto caracterizado, na atividade escolar, como aquele em que o autor manifesta sua opinião sobre um tema), embora se tenha consciência de que o primeiro pertence a uma classificação que considera o texto de acordo com a sua utilização e o segundo, conforme as características do material lingüístico que o constitui (Marcuschi, livro em preparação). Tal emprego se justifica porque o texto que a escola chama de **texto dissertativo**, posto em uso seria de fato um **artigo de opinião**. Evidentemente, não se confundem os termos **dissertação** (com o sentido em que é empregado na escola) e **dissertação** (trabalho de conclusão do Mestrado).

Divide-se esta dissertação em 5 capítulos. O *primeiro*, *A Lingüística de Texto e o conceito de informatividade*, aborda o surgimento, o desenvolvimento e o objeto da lingüística de texto e discute o que vem a ser **informatividade**, as fontes de expectativa, a escala de probabilidades e a realização da **informatividade** em alguns gêneros textuais; o *segundo*, *O corpus — constituição e metodologia de análise*, descreve as condições de produção dos textos, os propósitos comunicativos, o perfil dos autores, dos receptores com suas expectativas e os critérios utilizados na análise; o *terceiro*, *Análise da informatividade*, examina o nível das informações apresentadas na Produção Textual I e II; o *quarto*, *Produção Textual I e II — análise comparativa dos resultados*, confronta os resultados encontrados nas duas produções; finalmente, o *quinto*, traz as conclusões a que se chegou e faz algumas sugestões para o trabalho com texto, especialmente para o desenvolvimento da **informatividade**.

Constam da bibliografia todas as obras consultadas, ainda que não citadas no corpo deste trabalho.

Pretende-se, com esta dissertação, fornecer subsídios à atividade de produção textual na escola, singularmente no que tange ao estudo da **informatividade**.

Alguns aspectos relativos à **informatividade** não são aqui tratados, como, por exemplo, a organização da linguagem no texto e certos casos de técnica de arranjo das seqüências, responsável pela manutenção temática e, ao mesmo tempo, pela apresentação de informações novas. Fica a esperança de que outros mestrados e mestradas que se interessem pelo tema possam abordá-los.

## CAPÍTULO 1

### *A LINGÜÍSTICA DE TEXTO E O CONCEITO DE INFORMATIVIDADE*

#### **1.1 Lingüística de texto**

As limitações da gramática de frase, insuficiente para explicar muitos fenômenos lingüísticos, favoreceram o surgimento da lingüística textual.

Por mais exaustivos e científicos que sejam, os estudos da língua baseados na frase não conseguem recobrir aspectos complexos da comunicação verbal. Impossível elucidar as relações entre sentenças não ligadas por conjunções, sem que se ultrapassem os limites da frase e chegue-se ao texto, como se observa no exemplo abaixo.

(1) (a) O índice inflacionário divulgado pelo governo é contestável. (b) Os preços aumentaram muito.

Caso se proceda à análise isolada de (a) ou (b), não se descobrirá a relação de causa existente entre ambas. O grande aumento dos preços é a causa de o índice inflacionário divulgado pelo governo ser contestável. Somente se atinge esta vinculação por meio de uma análise do todo, isto é, do texto. Dispensável mencionar que, dentro da perspectiva da lingüística textual, analisar um texto — mesmo que um texto curto como (1) — é ultrapassar em muito sua superfície, o material lingüístico que o constitui, e atingir os níveis pragmático, semântico, interacional e sócio-cognitivo, em que se acham envolvidos o contexto, a intencionalidade do produtor, a aceitabilidade do receptor, dentre outros aspectos.

Uma teoria lingüística presa à estrutura da frase também não tem alcance para esclarecer casos de pronominalização, de que é exemplo o texto que segue.

## (2) O ovo de Colombo da corda de nós

Desde o século XV, para calcular a velocidade de seus navios, os marujos jogavam ao mar um pedaço de madeira amarrado a uma corda cheia de nós. Então contavam o número de nós que passavam por entre os dedos durante um período de meia hora, medindo o tempo com o auxílio de uma ampulheta colocada no convés. Ainda hoje a velocidade dos navios é medida em “nós”. Os marujos, no entanto, raras vezes tinham a capacidade de medir a velocidade extra que as correntes marítimas imprimiam a seus navios, e os erros de longitude iam se acumulando. Poucas vezes os navegantes podiam saber onde realmente estavam.

(BUENO, Eduardo. Época.)

“Então contavam o número de nós que passavam...” Isolando-se a frase acima da “teia” textual, não se pode saber quem pratica a ação de contar. Só numa análise que considere a seqüência textual torna-se possível identificar que eram os marujos quem realizava a ação de contar. Além disso, fica evidenciado que “marujos” e “navegantes” têm o mesmo referente.

Também não dá conta a gramática de frase da escolha de artigos.

(3) (a) Um homem foi resgatado por pescadores e levado à Vila de São João. (b) Dias depois, ainda muito abalado, o homem retornou à sua cidade.

Em (3a), usa-se o artigo indefinido “um”, mas, em (3b), emprega-se o artigo definido “o”. Em (3a), “homem” é o novo, logo aparece com artigo indefinido, mas em (3b) já é o dado, por isso aparece com artigo definido.

Como estes, muitos outros fenômenos (entoação, ordem das palavras no enunciado, relação tópico-comentário) não podem ser adequadamente tratados pela gramática de frase.

Conforme se observa pelo que foi exposto, a lingüística textual surgiu no universo dos estudos lingüísticos como uma corrente que, tomando o texto por seu objeto de análise, pudesse preencher as lacunas que a gramática de frase deixava.

## 1.2 Desenvolvimento da lingüística de texto

A lingüística de texto surgiu na Europa, durante os anos 60, com maior relevo na Alemanha. A partir de 1970 começou a ser mais conhecida pelos pesquisadores e chegou ao início dos anos 80 com um conjunto significativo de trabalhos.

Lingüistas brasileiros começaram a desenvolver pesquisas sistemáticas desde o início da década de oitenta. Dois livros introduziram, no Brasil, o novo ramo dos estudos lingüísticos: *Lingüística textual: introdução* (1983), de Fávero & Koch, e *Lingüística de texto: o que é e como se faz* (1983), de Marcuschi.

Na avaliação de Vilela & Koch (2001: 446-450), os autores que mais contribuíram para o desenvolvimento da lingüística de texto foram Roland Harweg, Harald Weinrich, Wunderlich, Siegfried J. Schmidt, Elisabeth Gülich, Beaugrande & Dressler e Teun A. Van Dijk. Além desses também são citados Halliday & Hasan, Mathesius e Sgall. No Brasil, os trabalhos mais difundidos talvez sejam os de Van Dijk e Beaugrande & Dressler.

A partir dos anos 80, deu-se ênfase aos estudos da **coerência** e **coesão** textuais. O conceito de **coerência** passou a ser ampliado, compreendendo-se que não é uma qualidade ou propriedade inerente ao texto, mas algo que se determina por um conjunto de fatores, não só lingüísticos, mas também interacionais e sócio-cognitivos. Depois ganharam relevância pesquisas que abordam a cognição.

Mais recentemente, foi retomada a questão da tipologia textual — que, tendo sido uma tônica na primeira fase da lingüística de texto, parecia um pouco esquecida —, com a abordagem dos gêneros textuais. Cite-se, por exemplo, o livro de Marcuschi *Gêneros Textuais: o que são e como se constituem* (em preparação).

No momento, a lingüística de texto é um dos ramos dos estudos lingüísticos mais difundidos e desenvolvidos, confirmando a previsão de Marcuschi (1983A:1): “... ela é uma das linhas de pesquisa mais promissoras da lingüística atual.”

Após quatro décadas, a LT deixou de ter o rótulo de “um dos *novos ramos da lingüística*”, definiu mais claramente seu objeto, sedimentou seus métodos de trabalho e consolidou uma terminologia mais uniforme. Segundo Vilela & Koch (2001: 443), atualmente, há mais convergências que divergências e “(...) o que se deseja não é um corpo teórico monolítico e ortodoxo, mas é previsível que, dentro de mais alguns anos, muitos dos conceitos da L. T. já se encontrem estabelecidos de forma mais ou menos consensual”.

Do seu surgimento ao presente momento, a lingüística de texto já trilhou um razoável caminho, alargando o seu raio de atuação. Começou com a análise transfrástica, passou para a tentativa de criar gramáticas textuais, até eleger o texto, numa perspectiva não só lingüística, mas também situacional, sócio-cognitiva e cultural, como centro de suas preocupações.

### **1.3 Objeto de estudo da lingüística de texto**

Conforme se pode inferir da própria denominação, a lingüística de texto ocupa-se do texto. “Basicamente trata dos processos e regularidades gerais e específicos segundo os quais se produz, constitui, compreende e descreve o fenômeno texto.” (Marcuschi, 1983: 2 )



Se, desde o início, pareceu ponto consensual que o escopo da lingüística textual é o texto, o mesmo não se pode afirmar quanto à definição de texto. Segundo Marcuschi (1983: 4), diversos têm sido os conceitos, os quais podem ser enquadrados em duas perspectivas: aqueles que se baseiam nos critérios internos ao texto e aqueles que se fundam em critérios transcendentais ao sistema. Em essência, o conceito básico de texto ligado à imanência do sistema corresponde a uma seqüência coerente de sentenças.

Nota-se, aqui, a influência da gramática de frase. É como se o texto fosse uma espécie de frase ampliada. Despreza a definição os aspectos pragmático e cognitivo-conceitual.

É verdade que a maioria dos textos constitui-se de seqüências coerentes. Mas não faltam exemplos de textos formados por uma única sentença (Entrada proibida.) e até de uma só palavra (Silêncio!), dentro de contextos específicos e bem definidos. Decorre que, como uma seqüência de sentenças não é uma condição necessária para a constituição de um texto, o conceito já se revela inadequado. Também é verdade que um texto precisa ser coerente. Mas o sentido apresentado é vago. Qual é exatamente a noção de *coerente* que pode ser aplicada à totalidade dos textos? Veja-se o texto:

(4) Se você não quiser se casar comigo, vou pular de um pé de maxixe. Me enforcar num pé de coentro.

(Domínio Público)

Uma informação como “Vou pular de uma serra.”, no texto acima, seria incoerente — embora absolutamente coerente como sentença, em perfeita consonância com o mundo fático e sintaticamente bem formada —, pois as ações mencionadas são todas incapazes de concretizar um suicídio, visto que não é possível pular de um pé de maxixe nem enforcar-se nos poucos centímetros de um pé de coentro.

Muitos autores definiram texto dentro da perspectiva da imanência lingüística.

Segundo Harris um texto constitui-se de uma sucessão de sentenças interligadas, mas pode ser composto por uma só palavra. Harris evidencia que a comunicação humana ocorre por meio de textos, e não por frases isoladas. Contudo, sua visão não ultrapassa o nível semântico-gramatical, não cogita do texto como ocorrência comunicativa” (Apud Marcuschi, 1983).

Para Harweg, na conceituação de texto, relevante é a noção de cadeia pronominal contínua. Cadeia pronominal é a “teia” construída pela substituição dos nomes dos seres, coisas, lugares e circunstâncias por outros nomes (Apud Marcuschi, 1983).

Na visão de Weinrich, “Texto é uma seqüência ordenada de signos lingüísticos entre duas interrupções comunicativas importantes” (Apud Marcuschi, 1983). Não esclarece Weinrich o que de fato vem a ser esta “interrupção importante”, o que dá margem a interpretações bastante elásticas. Já houve quem propusesse, por estranho que pareça, a produção de um ser humano durante toda a sua existência como um único texto.

Mostradas algumas definições de texto dentro da imanência do sistema lingüístico, passa-se agora à abordagem da conceituação de texto na perspectiva que transcende ao sistema lingüístico.

Se, para os imanentistas, o texto corresponde a uma simples unidade lingüística, para os transcendentistas, ele define -se como unidade comunicativa.

Segundo Petröfi, “Uma seqüência de elementos lingüísticos escritos ou falados organizada como um todo, com base em algum critério qualquer (geralmente extralingüístico), resulta num texto” (Apud Marcuschi, 1983). A

definição associa elementos externos e elementos internos ao texto. Por extremada e ambiciosa, a pretensão teórica de Petröfi não é fácil de ser concretizada.

Van Dijk conceitua texto como uma estrutura superficial regida por uma estrutura profunda, que é semântica e motivada, quer dizer, “um conjunto ordenado de sentenças da estrutura profunda” (Apud Marcuschi, 1983). Na definição de Van Dijk, encontram-se duas noções básicas do gerativismo: “estrutura superficial” e “estrutura profunda”. Para ele, é a ‘estrutura profunda’ que dá coerência ao texto.

Na concepção de Schmidt, “Texto é qualquer expressão de um conjunto lingüístico num ato de comunicação...” (Apud Marcuschi, 1983: 9). Schmidt ressalta o caráter de unidade comunicativa do texto, deixando de lado tanto a noção de frase, quanto a de coerência, valorizando o aspecto pragmático.

Para Halliday & Hasan (Apud Marcuschi, 1983), o texto é uma unidade posta em uso. Não é de caráter gramatical, como uma sentença nem é sua extensão o que o define. Conforme afirmam, não há coincidência no modo como se integram as partes de uma sentença e as partes de um texto. Definem a coesão como sendo de natureza semântica, e não sintática, o que implica dizer que o texto não é uma unidade gramatical, mas de sentido.

Adota-se aqui o ponto de vista de Beaugrande & Dressler (1981) de que o texto é uma ocorrência comunicativa. O que diferencia um texto de uma sentença não é a extensão, mas a natureza.

Procura a lingüística textual explicar o que é que diferencia um texto de um simples conjunto de sentenças; busca avocar para si a investigação dos fatores que fazem com que um texto seja um todo significativo, e não um simples conjunto de frases. Preocupa-se a LT tanto com a produção quanto com a recepção de textos, investigando os fatores relevantes na interação humana por meio do signo verbal.

Portanto, o objeto da lingüística textual é o texto, aqui entendido como ocorrência comunicativa.

Os estudos na linha da lingüística textual têm sido realizados em várias direções, apresentando uma multiplicidade de tendências, embora já se perceba um propensão a certa convergência, como aludido anteriormente.

Marcuschi (1983A), apresentando o ponto de vista de E. Coseriu, afirma que haveria três formas de se fazer lingüística de texto:

“(1) Uma LT que tem por objeto textos numa esfera autônoma da linguagem, mesmo antes da distinção entre as várias línguas. Esta trata da constituição de texto nas diversas línguas. Texto seria aqui uma categoria universal. Neste caso, buscar-se-iam regras gerais para uma competência ampla.

(2) Uma LT que veria o texto como o nível de estruturação de **cada língua**. Aqui se teria algo como uma “gramática de texto” ou “gramática transfrástica” montada para cada língua como tal.

(3) Toda lingüística nada mais é que uma LT, já que todas as manifestações lingüísticas se dão apenas como textos concretos. Neste caso, a gramática do texto seria o mesmo que a gramática da língua. A descrição da estrutura e funcionamento do texto seria a descrição da estrutura e funcionamento da língua.

Esta terceira posição é vista por Coseriu como inadequada e fadada ao fracasso. Com isto, implicitamente, faz violenta crítica à posição radical de Weinrich e Hatman, embora não os nomeie. As outras duas posições (1) e (2)

seriam razoáveis e viáveis sendo que Coseriu, pessoalmente, adota a posição (1)”

Propõe Marcuschi (1983A: 12,13) que a LT seja vista, mesmo que de modo provisório e genérico, “como o estudo das operações lingüísticas e cognitivas reguladoras e controladoras da produção, construção, funcionamento e recepção de textos escritos ou orais. Seu tema abrange a **coesão** superficial ao nível dos constituintes lingüísticos; a **coerência** conceitual ao nível semântico e cognitivo e o sistema de pressuposições e implicações ao nível pragmático da produção de sentido no plano das ações e intenções.”

#### 1.4 Fatores de textualidade

Beaugrande & Dressler (1981) apresentam sete critérios de textualidade. Dois ligados ao próprio texto: **coesão** e **coerência**, embora hoje já se postule a coerência numa perspectiva bem mais ampla, englobando aspectos interacionais e sócio-cognitivos (Vilela & Koch: 2001). Cinco referentes ao produtor e ao receptor: **intencionalidade**, **aceitabilidade**, **intertextualidade**, **situacionalidade** e **informatividade**. Mencionam ainda os fatores de contextualização.

**Coesão** é definida como “(...) a ligação, a relação, os nexos que se estabelecem entre os elementos que constituem a superfície textual” (Koch & Travaglia, 1990). A **coesão** se revela nas marcas lingüísticas do texto.

Entende-se por **coerência** um conjunto de princípios que permite o estabelecimento de sentido para o texto. Sentido para o qual concorrem o conhecimento de mundo, a memória, as convenções sociais, o contexto, a intenção do produtor do texto. Segundo Koch & Travaglia (1990),

“... a coerência está diretamente ligada à possibilidade de se estabelecer um sentido para o texto, ou seja, é ela o que faz

com que o texto faça sentido para os usuários, devendo, portanto, ser entendida como um princípio de interpretabilidade, ligada à inteligibilidade do texto numa situação de comunicação e à capacidade que o receptor tem para calcular o sentido deste texto.”

Ao contrário da **coesão**, que se encontra na superfície lingüística, a **coerência** é subjacente. Enquanto a **coesão** é linear, a **coerência** é retiforme. Um texto bem realizado pode prescindir de marcas explícitas de coesão, mas não pode prescindir da coerência.

A **intencionalidade** diz respeito ao propósito comunicativo do produtor do texto, ao que ele quer alcançar com o ato concreto da comunicação.

Caracterizando-se o processo de comunicação como uma “via de mão dupla”, a **aceitabilidade** é a contrapartida da **intencionalidade**, é a disposição do receptor em aceitar (ou não) o texto nos termos em que lhe é proposto.

Por mais original que possa parecer, todo texto sempre apresenta referências a outros textos, isso é próprio da condição textual. Chama-se de **intertextualidade** ao vínculo que um texto possui com outros que o antecederam e com os que virão depois dele.

Define-se a **situacionalidade** como um conjunto de fatores que dão relevância a um texto numa dada situação comunicativa. Para Koch (1985), a **argumentatividade** subjaz à **situacionalidade**.

A **informatividade** refere-se ao grau de previsibilidade — da forma e do conteúdo — da informação apresentada no texto. Como este trabalho dedica-se ao estudo da **informatividade**, o seu conceito será mais detalhadamente abordado logo a seguir.

## 1.5 A informatividade na constituição do texto

Segue-se aqui, essencialmente, a proposta de Beaugrande & Dressler (1981) e o exame feito por Fávero (1985) acerca do que propõem os dois autores.

De acordo com Fávero (1985), “O termo **Informatividade** designa em que medida os materiais lingüísticos apresentados no texto são esperados/não esperados, conhecidos/não conhecidos da parte dos receptores.”

Ao produzir um texto, o autor seleciona, consciente ou inconscientemente, a quantidade e a qualidade das informações que oferecerá ao receptor. Escolhe se colocará à disposição do receptor uma informação menos ou mais conhecida, ou absolutamente nova, ou ainda com maior ou menor riqueza de detalhes.

Antes da leitura propriamente dita, numa espécie de anteletura, o leitor formula hipóteses acerca do conteúdo e cria expectativas, que serão satisfeitas, ultrapassadas ou frustradas. Diversas fontes dão origem a estas hipóteses e expectativas, conforme será visto mais adiante.

Beaugrande & Dressler (1981) propõem três ordens, ou três graus de **informatividade** :

1ª ordem – no grau mais alto da escala de probabilidades;

2ª ordem – no grau mais baixo da escala de probabilidades;

3ª ordem – aparentemente fora do conjunto.

Dessa forma, segundo Beaugrande & Dressler (1981), pode a informação presente num texto variar de um grau máximo de previsibilidade,

(5) Minas Gerais não tem praias.

passando por um nível intermediário,

(6) Minas Gerais não tem praias. Mas pesquisas arqueológicas demonstram que já houve um mar na região.

a um grau mínimo de previsibilidade:

(7) As belas praias de Minas Gerais.

A afirmação não soaria absurda se fizesse alusão a uma remota época. Pois estudos arqueológicos indicam que onde hoje se localiza o estado de Minas já houve mar.

O texto (5) é completamente previsível. O (6) mescla previsibilidade e surpresa. O (7) é pouco previsível.

Para ilustrar as ocorrências da primeira ordem de **informatividade**, Beaugrande & Dressler (1981) dão o exemplo do sinal de trânsito PARE, que, por seu caráter óbvio e previsível, permite que os motoristas dediquem atenção às condições do tráfego. Ocorrências de primeira ordem aparecem em todos os textos.

Na opinião de Beaugrande & Dressler (1981), as chamadas palavras de conteúdo carregariam mais informação de que as ditas palavras funcionais (artigos, preposições e conjunções), que eles classificam como meros sinais de relação que passam sem uma maior atenção no processo de leitura e de escritura. Este ponto de vista pode ser questionado, pois as palavras funcionais não se reduzem a simples sinais de relação. O artigo, por exemplo, proporciona a (pre)visão da informação ou ainda a recuperação dela. E os operadores argumentativos encadeiam as idéias, resultando em relevantes marcas lingüísticas (Fávero, 1985).

São os procedimentos-padrão aplicados à primeira ordem (omissões, preferências) que deixam a atenção do receptor livre para as ocorrências



de segunda ordem, exigida pelo padrão normal de comunicação, já que textos de primeira ordem são desinteressantes.

Ocorrências da terceira ordem aparentam estar fora do conjunto das prováveis ocorrências. São raras e cobram muita atenção, mas são mais interessantes.

“Constituem tipos comuns da terceira ordem de **informatividade** :

**Descontinuidades** — quando a ocorrência parece apresentar falhas de configuração.”

**Discrepâncias** — quando o modelo de texto apresentado não condiz com o conhecimento armazenado (Fávero, 1985).”

Para Beaugrande & Dressler (1981), no caso de discrepâncias, o receptor necessita de uma motivação especial de modo a descobrir o que estas ocorrências significam, por que foram selecionadas, para poder integrá-las à continuidade do texto, base da comunicação.

Estes procedimentos encontram similar no comportamento humano em geral. Ilustram Beaugrande & Dressler com a seguinte hipótese: Um cidadão comum recebe um cheque pelo correio com um grande valor. Rememorar-se comprou algum bilhete de loteria (rebaixamento para trás); ou aguardará alguma notificação que explique o fato (rebaixamento para frente); ou imaginará um engano. Se nenhuma das explicações ocorrer, tem-se o absurdo.

Beaugrande & Dressler enumeram cinco *fontes de expectativas humanas*.

### ***1ª fonte – o mundo real e seus fatos***

Chama-se mundo real ao modelo socialmente dominante. Fatos são proposições tidas por verdadeiras e crenças são fatos que um indivíduo ou grupo consideram aplicáveis a um evento real. “O mundo real é, conseqüentemente, a fonte privilegiada das crenças subjacentes à comunicação textual ...” (Fávero, 1985). A produção e recepção de textos não factuais só é possível tomando-se o mundo real como ponto de partida. Ao mesmo tempo e nas mesmas circunstâncias, uma coisa não pode ser verdadeira e falsa, existente e não existente. Para que haja violação desses fatos, é preciso que existam sinais inequívocos.

Interessante observar que o mundo real é dinâmico e afetado por mudanças históricas, geográficas e descobertas científicas. Imagine-se que o texto

(8) O Sol gira em torno da Terra.

integrou por muito tempo o mundo real, pelo menos o universo do conhecimento dominante e socialmente referendado.

### ***2ª fonte – organização da linguagem no texto, as convenções formais***

Toda língua natural possui várias convenções arbitrárias para o arranjo das formas. Por isso, os falantes consideram certos sons impronunciáveis. Em português, por exemplo, seqüências como: Ltda., Sra., Pça. só são reconhecidas como abreviaturas (Fávero, 1985: 18).

### ***3ª fonte – técnicas de arranjos de seqüências, de acordo com a informatividade***

O fim da frase costuma ser o lugar dos elementos de alta **informatividade**, já o início é comumente o local dos elementos de baixa **informatividade**. Estes podem aparecer compactados por pró-formas ou omitidos por elipses. Nestas técnicas residem o equilíbrio entre a manutenção de um ponto de orientação e a **informatividade** num certo nível. Enquanto a primeira fonte seria independente da língua, a segunda e a terceira seriam dependentes e as três estão inter-relacionadas.

#### **4ª fonte – tipos de texto**

Classificados como estruturas globais, os tipos de texto exercem controle sobre as opções a serem utilizadas. Padrões incomuns de sons ou sintaxe são normais em poesia, mas não aceitáveis em textos científicos.

Na verdade, mais que os tipos de texto, são os gêneros textuais que constituem importante fonte de expectativa, uma vez que, como se verá mais adiante, a comunicação se realiza por meio de gêneros textuais (carta, notícia, relatório), e não através de tipos textuais (descrição, narração, argumentação), que são constructos teóricos (Marcuschi, em elaboração).

#### **5ª fonte – contexto imediato**

Diz-se contexto imediato aquele em que o texto ocorre. O contexto pode mudar as expectativas geradas pelas outras quatro fontes.

### **1.5.1 Forma e conteúdo na informatividade**

Quando não é familiar ao receptor, o conteúdo do texto, por si próprio, traz um alto grau de **informatividade**, a despeito do arranjo e das opções lingüísticas que se façam. O texto

Evidências experimentais mostram que para que o olho humano tenha a sensação de branco, não é necessário que todas as cores do arco-íris o atinjam. Se luzes de cores vermelha, azul e verde atingirem simultaneamente nossos olhos, isso já será o suficiente para causar a sensação visual de luz branca.

(LEITE DO CANTO, Eduardo. *Ciências naturais, aprendendo com o cotidiano.*)

é altamente informativo, pelo menos para a média das pessoas, excetuando-se professores de ciências, físicos, ou outros indivíduos que por algum motivo tenham conhecimento do fenômeno descrito, independentemente de sua forma. O que há de inesperado no texto é o próprio conteúdo, não seu modo de apresentação.

Ao contrário, no texto

#### (10) **O bicho**

1. Vi ontem um bicho
2. Na imundície do pátio
3. Catando comida entre os detritos.
  
4. Quando achava alguma coisa,
5. Não examinava nem cheirava:
6. Engolia com voracidade.
  
7. O bicho não era um cão,
8. Não era um gato,
9. Não era um rato.

10. O bicho, meu Deus, era um homem.

(BANDEIRA, Manuel. *Estrela da vida inteira.*)

a imprevisibilidade decorre não da informação em si, porém da estratégia empregada na sua elaboração, bem como das opções selecionadas.

Do primeiro ao sexto verso o leitor é apresentado a um bicho que se encontra num pátio imundo, catando comida entre os detritos e comendo vorazmente, sem sequer examinar de que se trata. É de se esperar que o leitor infira que este animal é um porco ou um cão, ou, ainda, outro bicho ao qual estes hábitos sejam comuns. Do sétimo ao nono verso, o autor desfaz as hipóteses formuladas pelo leitor, revelando que não se trata de um cão, nem de um gato, nem de um rato, com tal ênfase que descarta também a consideração de outro animal conhecido ou esperado. Cria-se, então, uma nova expectativa. Finalmente, no décimo verso, o autor revela que o bicho é um homem.

Importante procedimento para a construção do baixo grau de previsibilidade do texto **10** é a escolha das alternativas. Ao escolher “bicho” para designar um “homem em estado de miséria”, entre as possíveis formas, “pobre”, “miserável”, “mendigo”, o autor torna inesperada a informação apresentada no texto, que, por si própria, não é tão inesperada assim.

### 1.5.2 A relação entre informatividade e gêneros textuais

Antes de propriamente entrar-se na abordagem da **informatividade versus gêneros textuais**, é necessário discutir um pouco acerca da classificação de textos.

Vem a lingüística de texto nos últimos anos recolocando entre as suas preocupações a questão dos gêneros textuais, que, em evidência no momento da

elaboração das gramáticas de texto, passava por um relativo esquecimento (Vilela & Koch, 2001: 451).

Segue-se aqui a proposta de Marcuschi, exposta no trabalho, ainda em elaboração, *Gêneros textuais: o que são e como se constituem*. Marcuschi expõe três conceitos centrais:

a) **Tipo textual** — Um constructo teórico, não tem existência concreta. O agrupamento se dá pela natureza lingüística. São exemplos de tipos textuais: narração, argumentação, exposição, descrição, injunção.

b) **Gênero textual** — Ao contrário do tipo, possui existência real e é classificado não de acordo com critérios lingüísticos, mas sócio-comunicativos. São exemplos de gêneros textuais: telefonema, sermão, carta, bula de remédio, tese, romance, poema.

c) **Domínio discursivo** — “não forma uma classificação de textos nas indica instâncias de formação discursiva. Pois a área jurídica, jornalística ou religiosa não abrange um gênero em particular. Constituem práticas discursivas mais amplas dentro das quais podemos identificar um conjunto de gêneros textuais” (Marcuschi: em preparação). Assim, um dos domínios discursivos é o **científico** de que são modalidades, entre várias outras, **artigos científicos** (modalidade escrita) e **conferências** (modalidade oral).

Um dos argumentos mais fortes para justificar a necessidade da lingüística de texto é o fato de que os seres humanos se comunicam por meio de textos, e não através de frases ou palavras isoladas. Ou seja, é impossível se comunicar a não ser por texto (Fávero & Koch, 1983). Também é impossível comunicar-se a não ser por meio de gêneros textuais (Marcuschi, em preparação).

Ao contrário dos tipos textuais, os gêneros, embora não infinitos, são muito numerosos (Marcuschi, em preparação). Por essa razão, não se almeja fazer

uma investigação exaustiva, nem se poderia ter tal pretensão, pelo menos neste trabalho, mas apenas exemplificativa, que se limite a corroborar a idéia de que cada um dos gêneros textuais possui um modo específico na realização de sua **informatividade**. Quanto à modalidade de uso da língua, analisam-se textos escritos, uma vez que esta dissertação se ocupa da produção textual escrita; quanto aos domínios discursivos, examinam-se textos, jornalísticos e ficcionais.

Assim como apresentam estruturas preferenciais de **coesão** e **coerência**, os diversos gêneros textuais também possuem modos particulares de realizarem sua **informatividade**. Portanto, a **informatividade** de uma notícia de jornal, por exemplo, não é da mesma natureza da de um poema, como a de ambos difere da que é comum num artigo científico.

#### 1.5.2.1 A informatividade numa notícia de jornal

Característico da notícia de jornal é a elaboração de manchetes que geram grande expectativa no leitor (Amaral, 1978). Muitas vezes insinuando que se trata de um determinado fato, quando na verdade se trata de outro bem diverso. Veja-se a manchete,

### (11) TELEFÔNICA E PT QUEREM GANHAR O PAÍS

(Jornal do Commercio, 27 de janeiro de 2001)

que permite ao receptor elaborar algumas hipóteses sobre o conteúdo que ela resume. Dentre elas, poder-se-ia considerar: *Estaria a empresa Telefônica planejando financiar a campanha do PT — Partido dos Trabalhadores — para presidência do Brasil? A empresa Telefônica e o PT — Partido dos Trabalhadores — estariam firmando uma parceria para desenvolvimento do esporte no país?* Estas

expectativas, e outras mais ou menos plausíveis, entretanto, começam a ser desfeitas pela leitura do subtítulo (em letras menores que as da manchete),

## **TELEFONIA CELULAR**

e do subtítulo (também em letras menores que as da manchete)

*A empresa criada pela associação entre a Telefônica e a Portugal Telecom vai entrar no mercado em 2002 e pode comprar a TCO e a Telemig*

e são completamente afastadas com a leitura do corpo do texto, onde se vai confirmar o que o subtítulo já evidencia: “PT”, no caso, é a Portugal Telecom — companhia do ramo de telefonia móvel —, e não o Partido dos Trabalhadores; e “ganhar o Brasil” quer dizer conquistar o mercado, e não as eleições nacionais.

Rio – A nova empresa de telefonia móvel no Brasil a ser formada a partir de 2002 pela associação da Portugal Telecom (PT) com a espanhola Telefônica ainda nem nasceu, mas já está com apetite enorme para se expandir. “Olhe o mapa do Brasil. Nos interessa crescer para os Estados onde não estamos presentes hoje. O interesse da *holding* é ter dimensão nacional”, disse o vice-presidente da PT, Miguel Horta e Costa.

A *holding* dos negócios da PT e da Telefônica na telefonia celular no Brasil já tem empresas nos Estados de São Paulo, Bahia, Sergipe, Rio de Janeiro, Espírito Santo, Santa Catarina, Paraná e Rio Grande do Sul. (...)

Escolhendo entre as alternativas possíveis, o autor das manchetes de notícias de jornais opta por aquelas que suscitem no receptor, à primeira leitura, grande expectativa, por anunciar um acontecimento instigante. Poderia ele haver feito opção, entre tantas outras, por **‘TELEFÔNICA E PORTUGAL TELECOM**



**QUEREM CONQUISTAR O MERCADO BRASILEIRO”**, mas assim não criaria no leitor a expectativa pretendida.

O emprego costumeiro desta estratégia, porém, habitua o leitor a procurar descobrir o que realmente está sendo anunciado com a manchete. Isto é, a compreender que o propósito do produtor do texto é levá-lo a imaginar que se trata de outro fato, mais inusitado ou interessante; a não considerar o entendimento que surge à primeira vista, mas a buscar o verdadeiro fato noticiado, que se oculta, muitas vezes, por trás da manchete.

Espera o leitor de uma notícia de jornal que nela estejam presentes, *o quê, quem, o onde, o quando, o como, o porquê* e o *para que*, ou seja, que alguma coisa digna de nota haja acontecido a alguém, que se indique o local deste acontecimento, o tempo em que ocorreu, as circunstâncias de modo, causa e finalidade do evento (Kaufman & Rodríguez, 1995). É óbvio que há notícias nas quais não se encontram todos esses elementos.

É típico da notícia de jornal, depois de anunciar na manchete uma informação com um grau mínimo de previsibilidade, um rebaixamento logo a seguir, dando a conhecer, já no início do corpo do texto, o essencial do que é informado. A técnica comum utilizada é da pirâmide invertida: começando-se pelo fato mais importante e finalizando-se pelos detalhes.

Ao colocar já no começo do texto, no chamado lide, as informações mais relevantes, o autor cumpre alguns objetivos: estabiliza a informação para o leitor, que pode estar desorientado com a manchete; dá ao leitor que, na pressa cotidiana da sociedade moderna, leia apenas as primeiras linhas do texto, a informação principal.

Portanto, na elaboração da **informatividade** de uma notícia, a manchete exerce um papel de grande relevância, e a escolha das alternativas é feita em função do que possa ser mais atrativo para o leitor. O espaço do jornal e o desejo

de “conquistar” o leitor pela manchete exigem que palavras com menor número de letras tenham preferência sobre as mais longas; e a pretensão do jornal em se fazer entender por todos os leitores inclina o escritor do texto a utilizar termos de uso mais corrente.

### 1.5.2.2 A informatividade num poema

No poema, o ritmo, a métrica e a rima (na poesia com métrica regular e rima) influem decisivamente na escolha de alternativas. Na estrofe

(12) As ARMAS e os barões assinalados

Que, da ocidental praia lusitana,

Por mares nunca de antes navegados,

Passaram ainda além da Taprobana,

Em perigos e guerras esforçados

Mais do que prometia a força humana,

E entre gente remota edificaram

Novo reino, que tanto sublimaram;

(CAMÕES, Luís de. *Os lusíadas*)

uma vez que os versos são decassílabos e o esquema de rimas ABABABCC, excluíram-se da escolha palavras que juntas pudessem compor um verso com mais de dez sílabas; palavras cujo final não possuísse coincidência sonora com outras com as quais teriam de rimar; além de haverem sido excluídas também aquelas que pudessem implicar desobediência à acentuação determinada, responsável pelo ritmo. Note-se que, não por acaso, as últimas palavras da estrofe são paroxítonas. Uma vez escritos os dois primeiros versos “As ARMAS e os barões assinalados/Que, da ocidental praia lusitana”, para aparecerem no final do terceiro, foram afastadas todas as palavras cuja terminação não fosse “ados” e para o fim do quarto, todas as palavras que não acabassem em “ana”, e assim por diante. Evidente que também

ficaram de fora todas as expressões que, mesmo preenchendo as exigências formais da estrofe, comprometessem a manutenção temática.

A exigência da rima pode ser responsável pela ordem direta ou inversa da frase. Por isso, na estrofe, encontra-se “*Mais do que prometia a força humana*”, e não “*Mais do que a força humana prometia*”.

Ressalte-se que, no processo de criação, não necessariamente o autor inicia pelos primeiros versos da estrofe. Pode começar por aqueles que considere portadores da idéia principal, localizando-os no meio ou no final da estrofe, e depois compor os outros versos tomando aqueles por referência.

Na poesia denominada moderna, que dispensa a métrica e a rima, é impreciso indicar quais alternativas são relegadas e quais elementos pertencentes a determinado conjunto podem ser escolhidos.

### 1.5.2.3 A informatividade numa crônica

Uma característica da **informatividade** dos textos que integram o domínio discursivo ficcional é o baixo grau de previsibilidade. Embora, quando no início do texto faz certas opções, o autor se comprometa com um conjunto de alternativas possíveis, este conjunto é bastante vasto. Veja -se a crônica abaixo:

#### (13) **PISCINA**

Era uma esplêndida residência na Lagoa Rodrigues de Freitas, cercada de jardins e tendo ao lado uma bela piscina. Pena que a favela com seus barracos grotescos se alastrando pela encosta do morro, compromettesse tanto a paisagem.

Diariamente desfilavam diante do portão aquelas mulheres silenciosas e magras, lata d'água na cabeça. De vez em quando surgia

sobre a grade a carinha de uma criança, olhos grandes e atentos, espiando o jardim. Outras vezes eram as próprias mulheres que se detinham e ficavam olhando.

Naquela manhã de sábado ele tomava seu gim-tônico no terraço, e a mulher um banho de sol, estirada de maiô à beira da piscina, quando perceberam que alguém os observava pelo portão entreaberto.

Era um ser encardido, cujos molambos em forma de saia não bastavam para defini-la como mulher. Segurava uma lata na mão e estava parada, à espreita, silenciosa como um bicho. Por um instante as duas mulheres se olharam, separadas pela piscina.

De súbito pareceu à dona da casa que a estranha criatura se esgueirava, portão adentro, sem tirar dela os olhos. Ergueu-se um pouco, apoiando-se no cotovelo, e viu com terror que ela se aproximava lentamente: já transpusera o gramado, atingia a piscina, agachava-se junto à borda de azulejos, sempre a olhá-la, em desafio, e agora colhia água com a lata. Depois, sem uma palavra, iniciou uma cautelosa retirada, meio de lado, equilibrando a lata na cabeça – e em pouco sumia-se pelo portão.

La no terraço o marido, fascinado, assistiu a toda a cena. Não durou mais de um ou dois minutos, mas lhe pareceu sinistra como os instantes tensos de silêncio e de paz que antecedem um combate.

Não teve dúvida: na semana seguinte vendeu a casa.

(SABINO, Fernando. *A mulher do vizinho.*)

Até o antepenúltimo parágrafo o autor dispunha de um grande leque de opções, poderia ter escolhido que a “estranha criatura” mergulhou na piscina, ou contaminou a piscina com algum material, ou, ainda, agrediu a dona da casa. Por isso, até tal estágio do texto não é fácil para o receptor prever o que acontecerá. Compare-se com o texto (11), que é uma notícia, e já nos primeiros parágrafos encontra-se a informação essencial.

Um texto científico, posto que possa apresentar baixo grau de previsibilidade, possivelmente nunca trará um conteúdo tão inesperado quanto um texto ficcional. Talvez por se encontrar, necessariamente, mais de acordo com o mundo fático, o texto científico seja mais previsível. Neste sentido, aproxima-se mais de uma notícia. Alguns textos, como é o caso das dissertações de mestrado, trazem logo de entrada, já no resumo, que antecede o corpo do texto, os dados principais da informação. Outros, como os artigos de opinião, revelam, ainda no primeiro parágrafo, as opções que o escritor terá em seu processo de escolha, permitindo ao leitor prever com certa exatidão para onde caminha o texto.

#### (14) O FUTURO NÃO EXISTE

São Paulo — O Brasil é viciado em mudança. Em nenhum lugar faz-se tanta e tão frenética promoção das mudanças como aqui. E, no entanto, muda-se pouco. Muito pouco. Quase nada.

Ainda se diz que o Brasil é o país do futuro. Mas esse Éden intocado está sempre à espera de uma reforma. Qualquer reforma.

“Antes de repartir o bolo, é preciso esperar que ele cresça.”  
Quem não se lembra? Vivíamos sob os efeitos do milagre econômico, e o futuro já estava enganchado com uma condicionalidade.

Sobreveio a fase em que nada seria feito, nenhum problema seria enfrentado antes da reconquista das eleições diretas. Vieram as diretas. E com elas uma nova onda mudancista.

A Constituinte tornou-se nossa prioridade feroz. Construiu-se sobre o papel uma Canaã. Ullysses “Moisés” Guimarães batizou-a “Cidadã”. Eram páginas de leite e mel.

Saliva escorrendo pelo queixo, o brasileiro preparava-se para sorver o néctar, que jorrava de tão generosa Constituição, quando foi colhido por novas prioridades.

Ora a inflação, ora o plebiscito, ora a inflação novamente, ora o emendão, ora o impeachment, ora o escândalo do Orçamento, ora isso, ora aquilo...

O real e Fernando Henrique renovaram ilusões, logo soterradas por outras reformas inadiáveis. A Constituição, antes redentora, virou um satã a ser exorcizado.

Assim é que a cada dois passos à frente recuamos três ou quatro. Derrubamos um presidente, mas não conseguimos punir banqueiros desonestos. Somos incapazes de castigar donos de clínicas e shoppings criminosos. Derrubamos a inflação, mas não distribuimos a renda.

O Brasil muda, muda, mas não se livra de velhos rótulos. Ainda é o “país da impunidade”, o “país das desigualdades sociais”. Seu presente de eternas reformas faz do Brasil uma nação sem amanhã.

(DE SOUSA, Josias. *O futuro não existe. Folha de S. Paulo.*)

Após o primeiro parágrafo da crônica,

“Era uma esplêndida residência na Lagoa Rodrigues de Freitas, cercada de jardins e tendo ao lado uma bela piscina. Pena que a favela com seus barracos grotescos se alastrando pela encosta do morro, compromettesse tanto a paisagem.”

o autor ainda dispunha de um amplo leque de opções para organizar a **informatividade**. Ao contrário, depois do primeiro parágrafo do artigo:

“O Brasil é viciado em mudança. Em nenhum lugar faz-se tanta e tão frenética promoção das mudanças como aqui. E, no entanto, muda-se pouco. Muito pouco. Quase nada.”

o autor estava obrigado a escolher suas opções dentro de um conjunto bem mais restrito. Conseqüentemente, o conteúdo do artigo é bem mais previsível para o leitor que o da crônica, lido o início de um e de outro texto.

Como se observa da análise, ainda que superficial, de uns poucos gêneros textuais (poema, notícia de jornal, crônica, artigo), cada texto possui uma forma específica na realização de sua **informatividade**.

### 1.5.3 Informatividade e título

Um dos fatores de contextualização dos textos é o título. “O título de um texto tem o poder de avançar comunicativamente elementos cognitivos em termos de expectativas. Sua escolha pode decidir a orientação da leitura, pois ela é um processo atual num texto atual. O título representa a base para a primeira seleção entre as possibilidades de expectativas (Marcuschi, 1983).”

A primeira informação que o receptor tem de um texto escrito é o título. Ressalte-se que alguns gêneros textuais, como a carta e o bilhete, dispensam-no.

Quando se vai ler um romance, conto ou crônica, muitas vezes já se conhece o título. No caso de gêneros textuais como a notícia de jornal, nem sempre se tem esse conhecimento prévio, contudo o título é o que primeiro se lê. Não é por acaso que ele aparece acima do corpo do texto, e não no meio ou no final.

Desta forma, a primeira informação de um texto é oferecida ao leitor por meio do título. É ele que permite ao receptor projetar suas expectativas imediatas sobre o conteúdo.

Pode-se admitir que a função geral do título é orientar o leitor, é fazê-lo ativar conhecimentos de uma determinada área, entretanto em certos textos ele tem um caráter marcadamente subjetivo ou desviante.

Alguém que não tenha conhecimento de nenhum dos dois livros terá maiores condições de prever o assunto de *Fome no Nordeste Brasileiro* que de *Morte e Vida Severina*.

**“TELEFÔNICA E PT QUEREM GANHAR O PAÍS”** é uma manchete de uma notícia de jornal (v. texto 11) que, inicialmente, desvia o leitor do conteúdo do texto.

Se o leitor não conseguir descobrir uma estreita vinculação entre o título de uma obra de ficção e seu conteúdo, não haverá maiores implicações; entretanto, se ele não puder relacionar o conteúdo de um artigo de opinião ao seu título, a compreensão tenderá a ser problemática.

Em gêneros textuais como o romance ou o poema, o título não necessariamente dá uma idéia muito precisa do conteúdo; em outros, como a notícia



de jornal, costuma ser desviante; mas em outros, ainda, como artigos de opinião ou científicos, precisa dar uma indicação clara do assunto tratado, funcionar como uma espécie de frase-resumo do texto.

#### 1.5.4 A relevância da informatividade

Uma das razões de ser de um texto é o oferecimento de informação nova e relevante, conquanto o significado de relevante, no caso, seja não só muito amplo, mas até relativo. É possível que haja situações comunicativas em que o importante seja apenas o óbvio. Como também há casos em que a interação em si é mais importante do que o texto que se constrói. Trata-se da função fática da língua (Jakobson, 1999). Entretanto, parece que o mais comum é as pessoas produzirem textos porque têm algo que julgam novo ou interessante para comunicar.

Particularmente na conversação, a precaução para não desagradar um interlocutor desconhecido — por exemplo, alguém que se encontra no ponto de ônibus — recomenda que o diálogo se inicie com um assunto evidente e incontroverso. Em tais ocasiões é freqüente comentar-se sobre o tempo: “*Hoje tá muito quente*”. Ou sobre o atraso da condução: “*O ônibus tá demorando.*” Na verdade, isso funciona como uma sondagem sobre a disposição do outro em encetar uma conversa. Porém, confirmada tal disposição, o provável é que temas mais atraentes sejam tratados.

Quando vai dar informação já de absoluto domínio público ou dada a conhecer por ele próprio, numa seqüência anterior, o produtor do texto faz prévio aviso, como se pedisse licença ao receptor para mencionar o que já é conhecido ou previsível, ou como se apresentasse desculpas ou justificativas.

Veja-se o caso em que, numa reunião para comemorar o aniversário de um amigo, alguém vai parabenizá-lo. Como o uso social já estereotipou um texto para esta ocasião, o que o faz absolutamente previsível, parece o usuário sentir-se desconfortável por ter de repetir o que já foi exaustivamente citado por outros em

diversas festas semelhantes. Por isso, é freqüente que comece com uma justificativa, comumente irônica:

(15 ) **Vou dizer uma coisa que ninguém nunca disse:** feliz aniversário, que esta data se repita por muitos e muitos anos e que todos os seus sonhos se realizem

Se, por um lado, o produtor do texto parece pedir licença, desculpa ou apresentar justificativa para dar uma informação conhecida, por outro, o receptor parece aceitar tais pedidos.

A atitude do produtor do texto funciona como um aviso com a seguinte mensagem: *“Não gere grandes expectativas com relação às próximas informações. O que virá agora já é de amplo conhecimento.”* Destarte, o receptor não tem suas expectativas frustradas, visto que, antecipadamente alertado, não espera encontrar ali informações desconhecidas e interessantes.

O fato é que, ao dar uma informação absolutamente previsível, o produtor do texto teme frustrar as expectativas do receptor, que espera algo relevante; logo, envia-lhe sinais inequívocos de que apresentará o óbvio.

Observe-se, também, que, quando o autor de um texto retoma algo que foi anteriormente exposto, indica claramente que tal informação já foi dada:

(16) Conforme foi mencionado na página 22, postulamos aqui a tese de que...

Ressalte-se: há práticas sociais que exigem um texto que contenha somente o esperado e o previsível. É comum na administração pública acordos preliminares por textos orais (face a face ou por telefone), que depois são legitimados por textos escritos, segundo determinam os procedimentos legais. Neste caso, o texto escrito faz apenas conferir legalidade ao que já foi decidido antes com textos orais, e

será problemático se o texto escrito trouxer alguma coisa imprevisível. Ilustre-se com o exemplo que segue. O diretor da instituição pública A reúne-se com o diretor da instituição pública B, que concorda em ceder-lhe um prédio pelo prazo de 20 anos, bastando para isso somente que aquela instituição lhe remeta ofício solicitando a cessão pelo prazo acordado, para imediata assinatura do contrato. O ofício a ser feito pelo diretor da instituição A deve ser absolutamente previsível para B. Imagine-se que, em vez de pedir a cessão do terreno, o ofício se refira a doação, ou mesmo solicite uma cessão por prazo superior ao acordado. Deste modo o texto traria informações não previsíveis, o que não é adequado àquele contexto.

Pode um texto bem construído quanto à **coesão** e à **coerência** resultar sem eficiência comunicativa, se não mantiver o nível de **informatividade** num ponto de equilíbrio, de modo que nem se limite a apresentar o que já é excessivamente conhecido pelo receptor, nem traga apenas informações inesperadas ou surpreendentes.

Num extremo, o texto torna-se desinteressante para o receptor, por se tratar de uma informação exhaustivamente sabida; no outro, desinteressante, por ser completamente desconhecido. Em ambos os casos, ainda que sejam perfeitos do ponto de vista da coesão e da coerência, os textos podem resultar sem eficácia comunicativa.

Deve o produtor do texto estar atento às informações que vai selecionar e colocar à disposição do receptor, não atingindo nenhum dos extremos.

Além de dosar as informações novas com as já conhecidas pelo receptor, deve o produtor apresentar dados suficientes para compreensão do texto.

Um fator de textualidade que influencia profundamente a **informatividade** é a **intencionalidade**. Dependendo do propósito comunicativo do produtor, um texto que contenha apenas informações óbvias pode fazer sentido.

Como afirma Fávero (1985),“Relevante é o papel que a informatividade exerce na seleção e controle de alternativas no texto. A seleção depende dos objetivos do emissor.”

Para que possua eficácia comunicativa, um texto necessita de um bom nível de informatividade, que, no padrão normal de comunicação (Beuagrande & Dressler, 1981), apresenta equilíbrio entre informações previsíveis e informações inesperadas.

## CAPÍTULO 2

### ***O CORPUS: constituição e metodologia de análise***

#### **2.1 A constituição do *corpus***

Compõem o *corpus* desta dissertação 74 textos escritos por estudantes do terceiro ano do ensino médio de uma escola da rede particular do Recife, durante o segundo semestre de 2001.

Os textos pertencem a duas produções diferentes, sendo 37 de cada uma delas. A primeira é uma avaliação regular aplicada pela escola, da qual participaram 68 alunos; a segunda, elaborada especialmente para esta pesquisa, da qual participaram 41 alunos. Foram excluídos os textos de alunos que participaram apenas de uma das produções. Descartaram-se, por isso, 31 textos da primeira produção e 4 da segunda.

Aos textos que compõem cada uma das duas produções foi atribuída uma numeração de 01 a 37, levando-se em conta a ordem alfabética do nome dos autores.

O *corpus* é formado por textos que representam um universo de 53% dos 70 alunos com frequência regular.

#### **2.2 Os sujeitos pesquisados**

Os alunos produtores dos textos têm entre 16 e 18 anos e pertencem a famílias de variadas condições sócio-econômicas. Frequentam a escola no período diurno e possuem como atividade principal o estudo.

Dos escritores dos textos, 28 são do sexo feminino e 9 do sexo masculino. Em percentuais, tem-se 76% e 24% respectivamente. Mas não se analisa neste trabalho a relação sexo dos autores *versus* nível de **informatividade**.

### 2.3 Condições de elaboração da produção textual I

O primeiro texto coletado, ao qual se chamou **Produção Textual I**, foi escrito pelos alunos para atender às exigências de uma prova do sistema regular de avaliação da escola na disciplina de Redação.

A seguinte orientação deveria ser seguida para a escritura do texto: leitura dos textos-base (que servem de mote para escritura do texto proposto); criação de um título para o texto; respeito às normas gramaticais; obediência ao limite de, no mínimo, 20 e, no máximo, 25 linhas.

Traz a proposta dois textos-base: o primeiro é um *cartoon* de autoria de Angeli, publicado na Folha de São Paulo; o segundo, um gráfico publicado pelo Ministério da Saúde e outros órgãos.

O *cartoon* tem como título “*Pobreza: cada jovem com a sua.*” Exibe um automóvel, de aparência luxuosa, parado no sinal vermelho ou no engarrafamento. Colocando uma perna e os braços pela janela do carro, um menino, exibindo um tênis novo e um relógio, menospreza um grupo de menores de rua, que lhe estende a mão. A mulher que dirige o veículo manda-o fechar o vidro, alertando-o para o fato de que os garotos são violentos. Não há fala dos meninos de rua.

Encimando o gráfico, aparece o título “*Percentual de crianças e adolescentes pobres no Brasil por faixa etária.*” Logo em seguida, vem o gráfico propriamente dito, em forma de “torta”, com três divisões, indicando que, do total de crianças e adolescentes pobres, 37,7% têm de 0 a 6 anos; 35,4%, de 7 a 14 anos; e 27,3% de 15 a 17 anos. Mais abaixo aparece o total de crianças pobres: 21,1 milhões, e o esclarecimento de que a pesquisa considerou pobres as crianças e adolescentes

que vivem em famílias cuja renda não ultrapassa meio salário mínimo. Por um lapso, a soma dos percentuais dá mais que 100%, exatamente, 100,4%, embora isso não comprometa a informação.

De acordo com a orientação, os textos-base devem servir de “motivação”. Não necessariamente suas informações precisam ser referidas. Portanto, a tarefa colocada aos estudantes é de escrever um texto que pode, mas não obrigatoriamente, “dialogar” com dois outros textos, isto é, conter uma **intertextualidade** explícita.

Note-se que os textos-base não são puramente verbais, pelas próprias características dos gêneros (*cartoon* e gráfico), o que exigiria, caso os autores optassem por uma maior **intertextualidade**, uma atividade de **transcodificação**, isto é, passagem do *cartoon* e do relatório do código misto — pictórico-verbal — para o código exclusivamente verbal escrito, além de uma atividade de **retextualização**, isto é, de adaptação com interferência na forma e no conteúdo (Marcuschi, 2001: 51-52).

Atente-se para o fato de que, na orientação escrita destinada aos estudantes, as exigências ficam apenas no âmbito do próprio texto — respeito às normas gramaticais, ao tamanho do texto (20 a 25 linhas) —, não fazem referência ao texto como atividade social, cognitiva e interacional. Há apenas referência à coerência interna, quando se sugere que a criação do título seja coerente com o texto.

As condições de produções a que os alunos foram submetidos não favorecem a criação de um texto com um bom nível de **informatividade**. A proibição de consulta a fontes de informação e a restrição de tempo — foi estabelecido o tempo de duas horas para conclusão do texto — fazem supor que o conteúdo dos textos produzidos seja muito previsível. Acresça-se o fato de que não há interlocutor real nem propósito comunicativo que ultrapasse os limites de uma avaliação escolar.

Além da limitação do tempo, outro sério obstáculo a que o texto resulte interessante, no caso, com a apresentação de informações relevantes ou inesperadas, é a vedação à pesquisa acerca do tema sobre o qual se tem de escrever.

Pode-se até alegar que, freqüentemente, em atividades que exigem a criação de textos, há imposição de um tempo relativamente curto para sua execução. Haja vista uma notícia de jornal sobre um fato importante e inesperado que precisa ser publicada na próxima edição, a qual, já estando concluída, tem de ser alterada imediatamente. Também os relatórios, habitualmente, são cobrados num curto prazo. Mesmo para outros trabalhos escolares, estabelece-se um prazo determinado para entrega, ainda que bem mais confortável que o de duas horas. Assim, a realização da tarefa de escrever, em muitos casos, tal como o cumprimento de tantos outros afazeres no cotidiano da sociedade, tem de ser realizada dentro de um tempo predeterminado. De qualquer forma é questionável se duas horas é um tempo razoável para um estudante do terceiro ano do ensino médio, considerando-se a proposta que lhe foi apresentada, compor um texto cuja extensão medeie entre 20 e 25 linhas.

Se a predeterminação de prazo é comum em muitas situações nas quais se produz textos, não é comum encontrar a prática social de escrever sem que haja permissão a consultas de fontes de informação e de natureza lingüística, como dicionários, gramáticas normativas, manuais de ortografia, salvo na aplicação de provas. Mesmo numa atividade que, costumeiramente, exige a criação de textos dentro de um limite exíguo de tempo, como o jornalismo, pode o redator lançar mão de fontes de consulta.

Outro estorvo que se coloca frente ao estudante submetido a tal empreitada é a ausência completa de uma situação comunicativa real, ou que, no mínimo, aproxime-se disso. Conforme já se afirmou, não existe um destinatário específico para receber o texto do aluno. O receptor é o professor, que desempenha o papel não de um sujeito co-participante no processo de comunicação, mas de um sujeito *juiz*, que vai emitir juízo de valor sobre as qualidades do texto. Some-se a isto que a situação não permite ao estudante um propósito comunicativo, a não ser o de



mostrar ao professor que domina a escritura de texto e obter uma avaliação favorável.

Em ocorrências reais de comunicação, o produtor do texto tem um receptor, identificado (no caso de uma carta) ou provável (no caso de um livro). Mesmo quando se trata de um diário, parece que um “eu” escreve para se comunicar com um outro “eu”. É a presença, a projeção, a imagem do receptor que motiva o produtor do texto a selecionar as informações que serão apresentadas.

Mencione-se também como dificuldade o estado emocional em que se encontra o aluno, preocupado em obter uma nota suficiente para sua aprovação e o próprio cenário, com toda a turma desenvolvendo a mesma tarefa e a “fiscalização” do professor.

Como se observou, as condições de produção não favorecem a criação de textos com nível de **informatividade** satisfatório.

## **2.4 Condições de elaboração da produção textual II**

Assim como na produção Textual I, o texto foi escrito em sala de aula, com limitação de tempo, duas horas, e predefinição de espaço, 20 a 25 linhas. Mas, à diferença, tentou-se estabelecer um propósito comunicativo.

Não houve preocupação com o oferecimento de material para pesquisa, porque se entendeu que a proposta indicava a criação de um gênero textual que se enquadrava no **domínio discursivo depoimento** (Marcuschi, livro em elaboração). Avaliou-se que, para elaborar um depoimento informando por que optou por fazer vestibular para um determinado curso, um aluno não teria necessidade de recorrer a nenhuma fonte de informação, salvo a sua própria memória. Também não houve preocupação quanto à permissão ou proibição de uso de dicionários e gramáticas.

Imagina-se que as condições de produção permitem a escritura de textos com bom nível de **informatividade**.

## 2.5 Critérios para análise da informatividade

Na busca das possíveis explicações para o baixo nível de **informatividade** dos textos produzidos pelos alunos do ensino médio, examinou-se cada um dos grupos de textos individualmente e, depois, procedeu-se a uma análise comparativa entre as duas produções textuais.

Considerou-se como de bom nível de **informatividade** o texto que, predominantemente, apresentou informações relevantes, suficientes, não esperadas e de acordo com as fontes de expectativas postuladas por Beaugrande & Dressler (1981). Ao contrário, considerou-se como de baixo nível de **informatividade** o texto que trouxe apenas informações previsíveis, incompletas, ou que constituíram infração às fontes de expectativas. Também se considerou como de baixo nível de **informatividade** o texto com predominância de informações que, embora inesperadas, não puderam ser integradas à **continuidade** textual. Evidentemente, um texto que se colocou entre o primeiro e o segundo caso foi considerado como de médio nível de **informatividade**.

Observou-se se as informações do texto obedeciam às seguintes fontes de expectativas: *mundo real*, *técnicas de arranjos de seqüências – relação título x texto*; *gênero textual* e *contexto imediato*.

Foram consideradas desrespeito ao mundo real informações que contrariaram as crenças julgadas verdadeiras (Fávero, 1985), como, por exemplo: “Deus morreu na cruz.”; informações contraditórias: “Numa época remota, havia poucas opções de cursos. Mas isso não foi numa época remota.” e informações que, pelo uso inadequado do léxico, resultaram em infração ao mundo real: “O governo tem o **direito** de ajudar os necessitados.”

Apontou-se como impróprio, no *item técnica de arranjo de seqüências – relação título x texto*, o título que não cumpriu sua função de resumir o conteúdo do texto ou atrair a atenção do leitor.

Assinalaram-se como falhas quanto aos gêneros textuais as ocorrências que contrariaram certas formas mais ou menos canônicas, embora não se tenha desconsiderado que os gêneros textuais são maleáveis e plásticos (Marcuschi, 2002).

Quanto ao contexto imediato, considerou-se inadequado o texto que não atendeu às expectativas do leitor no que se refere ao gênero textual e ao conteúdo esperados.

Adotando-se o modelo usado por Graça Val (1991: 111), inspirado em Beaugrande & Dressler (1981), usou-se uma escala triádica para cada **informação** apresentada. A predominância de ocorrências de 2ª e 3ª ordem caracterizou o texto com bom nível de **informatividade**, e a maior presença de ocorrências de 1ª ordem, infrações às fontes de expectativas ou eventual *nonsense* definiu a redação com baixo nível de **informatividade**. Entre um e outro pólo, localizou-se o texto de médio nível de **informatividade**.

O termo **informação** está sendo usado acima para significar cada uma das “fatias” do texto com um certo grau de completude e autonomia, por exemplo: **fato x causa** (*A pobreza no Brasil é causada pela concentração de renda.*). Muitas vezes uma informação coincide com um parágrafo inteiro.

Às informações presentes em cada um dos textos foram atribuídas notas. Para informação julgada de nível **bom**, nota **3,0**; de nível **médio**, **2,0**; e de nível **baixo**, **1,0**.

A avaliação geral do nível de **informatividade** do texto foi obtida por média aritmética. Para isso, houve a soma dos valores atribuídos a todas as

informações presentes no texto e, depois, a divisão pelo número de informações. A operação pode ser representada pela fórmula:

$$ag = vi:ni$$

em que, **ag** (avaliação geral), **vi** (valor atribuído à informação) e **ni** (número de informações).

Como o resultado da divisão, em muitos casos, foi um valor com decimal, fez-se, então, necessária a elaboração de uma escala, considerando-se nível **baixo** para a média de **1,0** a **1,5**; **médio**, de **1,6** a **2,5**; e **bom**, de **2,6** a **3,0**.

## 2.6 Projeção das expectativas do receptor

Naturalmente, o grau de **informatividade** de uma ocorrência só pode ser classificado levando-se em conta um leitor específico, com o seu conhecimento de mundo e suas expectativas para um dado texto. Pois uma informação pode ser absolutamente previsível e desnecessária para um leitor  $L_1$ , mas imprevisível e útil para um leitor  $L_2$ .

Por isso, para classificar o nível de **informatividade** das duas produções textuais que integram o *corpus* deste trabalho, é preciso determinar qual a expectativa do receptor, o que pode ser feito projetivamente. Como se trata de uma projeção, há que se considerar certa subjetividade. Esse grau de subjetividade, entretanto, não chega a comprometer a avaliação, na medida em que várias fontes permitem o cálculo de modo que não haja discrepância entre as expectativas que se atribuem ao receptor e aquelas que, de fato, ele possui em relação ao texto.

### **2.6.1 Expectativas do receptor da Produção Textual I**

Espera o receptor da Produção Textual I — o professor — que os textos sejam artigos de opinião (o tópico estudado para a prova foi dissertação) em que os autores abordem a questão da pobreza, tanto no seu aspecto material quanto no espiritual.

Já conhece previamente o professor a informação dada pelos textos-base. A que é apresentada no *cartoon*, destacando que uns possuem pobreza material; outros, espiritual. E a que é exibida pelo gráfico, mostrando que no Brasil existem 21,1 milhões de crianças e adolescentes pobres. Mais: sua condição de professor, indivíduo que, em tese, possui uma informação geral acima da média das pessoas, possivelmente lhe proporciona ainda outras informações sobre o tema.

### **2.6.2 Expectativas do receptor da Produção Textual II**

O receptor da Produção Textual II — os alunos de outras turmas que ainda vivenciarão o processo de escolha de um curso universitário — espera textos classificados como depoimentos, em cujo conteúdo o autor informe como ocorreu sua escolha por um curso superior.

A expectativa do leitor da Produção Textual II é de que o autor justifique a opção fazendo referência a elementos como aptidões que o curso exige, identificação com a profissão, atividades que serão desenvolvidas, mercado de trabalho, remuneração, influência de pessoas na escolha (pais, professores, irmãos, amigos, profissionais), um desejo antigo não bem explicado, etc.

## CAPÍTULO 3

### ANÁLISE DA INFORMATIVIDADE

#### 3.1 Produção Textual I

A análise da Produção Textual I (escrita pelos alunos, como avaliação, tendo como tema *A pobreza*) revelou que a grande maioria dos textos apresenta problema quanto à **informatividade**. Dos 37 textos nenhum possui bom nível de **informatividade**, apenas 1, o nº **05**, tem um nível médio e 36, um baixo nível de **informatividade**. Portanto, 97% dos textos têm a **informatividade** seriamente comprometida; 3% possuem um nível de **informatividade** sofrível e o percentual de textos com boa **informatividade** é zero.

*Tabela 1*

NÍVEL DE INFORMATIVIDADE EM NÚMEROS ABSOLUTOS		
BAIXO	MÉDIO	BOM
36	1	0

*Tabela 2*

NÍVEL DE INFORMATIVIDADE EM PERCENTUAL		
BAIXO	MÉDIO	BOM
97%	3%	0%

O maior número de problemas encontrados diz respeito à *previsibilidade da informação*, à *insuficiência dos dados* e ao *desrespeito ao mundo real*. Também se verificam *transgressões nos gêneros textuais* cultural, social e lingüisticamente estabelecidos e na *técnica de arranjo das seqüências*, no que se refere à relação entre título e texto. Não há falhas que possam dificultar a recepção do texto no *contexto imediato*.

Observam-se no texto abaixo problemas constantes da maioria dos textos que integram a Produção Textual I.

*texto 17*

**A pobreza em nosso País.**

O Brasil é um dos países onde tem o maior índice de crianças nas ruas sem educação, estudo e sem uma alimentação adequada para uma boa saúde. Muitas que estão nas ruas por não ter alguma informação ou educação adequada partem para uma vida sem futuro, muitos se tornam traficantes outros ladrões para conseguir alguma coisa como comida.

Hoje em dia á 21,1 milhões de crianças nas ruas do nosso país, sem moradia, alimentação e outras coisas. Isso tudo é porque o nosso governo não estão se dedicando o suficiente pra mudar essa situação toda, poderia tira as crianças das ruas e coloca-las na escola em cursos profissionalizantes, dando uma boa educação pra todos.

O nosso governo tem o direito de ajudar a quem necessita, mudando esse quadro que é altíssimo.

Os dados são insuficientes para a compreensão em:

“O Brasil é um dos países onde tem o maior índice de crianças nas ruas sem educação, estudo e sem uma alimentação adequada para uma boa saúde.”

Se o Brasil é um dos países, quais são os outros?

Encontra-se a afirmação, recorrente em grande parte da Produção I, que atribui a marginalidade à pobreza:

“Muitas que estão nas ruas por não ter alguma informação ou educação adequada partem para uma vida sem futuro, muitos se tornam traficantes outros ladrões para conseguir alguma coisa como comida.”

Verifica-se, ainda, contradição ao mundo real em:

“O nosso governo tem o direito de ajudar a quem necessita, mudando esse quadro que é altíssimo.”

O fato de o governo ter de assistir os necessitados é um dever e não um direito.

Conforme foi mencionado, o único texto que ultrapassa o patamar de baixo nível de **informatividade** e apresenta um nível médio é:

## 05

Acomodação. É assim mesmo, curto e grosso; é exatamente o que está acontecendo com a sociedade de forma geral.

A situação da educação, do desemprego, da pobreza, realmente falando, nunca foi o ponto forte do Brasil, mas também nunca foi tão grave. É cada vez maior o número de crianças e adolescentes pedindo esmolas, e não é só nos sinais, é por toda parte.

Sem falar da violência, também cresce o número de infrações cometidas por menores. Mas do que importa saber disso se temos nossos carros, alimentação, emprego, a segurança de um lar.

As pessoas só param pra pensar nos “menos privilegiados” ou quando é assaltado, para querer prender o delinquente, ou quando é Natal, já que nessa época todos são bonzinhos.



Claro que nem todos são assim, há aqueles que realmente se engajam na luta contra a pobreza e suas consequências, e fazem diferença na vida de muitos que são ajudados, porém esses por enquanto são menoria.

Solução para essa situação até existiria, mais para coloca-la em prática teríamos que fazer bem mais do que esperar o Natal chegar.

Percebe-se que o texto apresenta alguns problemas, razão por que seu padrão de **informatividade** foi considerado médio. Ele possui falhas quanto ao gênero textual, pois, sendo um artigo, pressupunha-se que tivesse título e uma linguagem polida, o que afastaria uma expressão como a destacada na frase abaixo:

*“Acomodação. É assim mesmo, **curto e grosso**; é exatamente o que está acontecendo com a sociedade de forma geral.”*

Porém, embora avaliada como descortês para figurar num artigo de opinião, a expressão “curto e grosso” não chega a ser das mais deselegantes.

Também se verificam informações com dados insuficientes:

“Claro que nem todos são assim, há **aqueles** que realmente se engajam na luta contra a pobreza e suas consequências, e fazem diferença na vida de muitos que são ajudados, porém esses por enquanto são menoria.”

O texto não esclarece quem são “*aqueles*”, não exemplifica, não cita nenhum caso concreto.

De toda sorte, alguns aspectos diferenciam o texto **05** dos demais. Mesmo não fugindo muito da abordagem recorrente, segundo a qual a pobreza leva

as pessoas à prática de crimes, chama a atenção para a insensibilidade dos seres humanos:

“Mas do que importa saber disso se temos nossos carros, alimentação, emprego, a segurança de um lar”

e critica a solidariedade “festiva”:

“Solução para essa situação até existiria, mais para coloca-la em prática teríamos que fazer bem mais do que esperar o Natal chegar.”

Como se observa, embora mereça algumas observações, o texto **05** possui um nível de **informatividade** que pode ser classificado como médio.

### 3.1.1 Previsibilidade das informações

Quase todas as informações que aparecem nos textos da Produção I são previsíveis para o receptor. Em 36 textos, ou seja, 97%, os dados são de absoluta previsibilidade, logo, somente 1 texto, ou 3%, traz informações que não são absolutamente preditas. O conteúdo é recorrente em vários deles. Encontra-se em 9 dos 37 textos, ou seja, em 24%, uma idéia comum na **introdução**: *O aumento da pobreza no Brasil a cada dia*; e verifica-se coincidência de informação ainda maior no **desenvolvimento**, dado que 21 textos, o que representa 57%, defendem a tese de que *a pobreza leva ao mundo do crime*. Também na **conclusão** os pontos de vista se repetem, destacando-se dois grandes grupos. O primeiro, 9 textos (24%), sugere que *o governo pode erradicar a pobreza oferecendo serviços públicos (saúde, educação) de boa qualidade e condições mínimas de sobrevivência*; o segundo, 19 textos (51%), propõe que *a solução para erradicação da pobreza é a solidariedade, a conscientização e o amor ao próximo*.

O texto abaixo reúne as três informações mais frequentes — embora nem sempre juntas — em vários textos:

*texto 01*

**Pobreza: o problema da sociedade**

Há cada dia a pobreza é um dos principais problemas da população em termos gerais, pois como podemos viver se não temos ondem trabalhar.

Hoje a maioria da população encontra-se nessa situação desagradável, sem um emprego para melhor sobreviver, então por passar por este tipo de problema uma das soluções é roubar ou até mesmo outros tipo de coisas para não vê seus filhos morrerem de fome, mas o nosso presidente que nós mesmo elegemos para dá uma condições de vida melhor não faz nada para isso se resolver, a não ser dá cestas básicas e agasalho para esta população que enluda-se pensando que se esta fazendo um grande coisa.

Deveríamos todos nós se juntarmos para lutar por um mundo melhor, pois Deus morreu na cruz para nos dá tudo de bom e do melhor, mas como se diz, existem ricos porque existem pobres.

Conforme se observa, o texto postula o seguinte: *A pobreza no Brasil vem aumentando a cada dia. Em consequência as pessoas entram no mundo do crime. Para solucionar o problema, seria necessária a solidariedade de todos.*

As três informações presentes no texto pertencem ao senso comum, são conhecidas pela sociedade em geral. Não levam em conta pesquisas nem estudos científicos. O que se analisa aqui, entretanto, não é a verdade da afirmação em si — o que vai ser discutido especificamente no item *desrespeito ao mundo real* —, mas a previsibilidade das informações pelo receptor.

O conhecido clichê de nossa sociedade que diz que “*A criança é a esperança do amanhã*” registra-se em 5 textos, ou seja, 14% do total.

Assim, infere-se dos dados apresentados que, além de completamente previsíveis — exceção feita apenas ao nº **05** —, os textos são recorrentes.

### 3.1.2 Insuficiência dos dados

Registra-se insuficiência dos dados em 33 textos. Isto quer dizer que, em 89% dos textos, há falta de explicitação, de complementação daquilo que é informado. Não se oferece ao receptor detalhes suficientes para compreensão satisfatória da informação. Advém o problema, no caso em estudo, da omissão de dados e das afirmações de caráter geral.

*Tabela 3*

TEXTO	INSUFICIÊNCIA DE DADOS	
	sim	não
01	x	
02	x	
03		x
04	x	
05	x	
06		x
07	x	
08	x	
09		x
10	x	
11	x	
12	x	
13	x	
14	x	
15	x	
16	x	
17	x	
18	x	
19	x	
20	x	
21	x	
22	x	

23	x	
24	x	
25	x	
26	x	
27	x	
28	x	
29	x	
30	x	
31	x	
32	x	
33		x
34	x	
35	x	
36	x	
37	x	

Observe-se o exemplo do texto:

#### 04

##### **A Pobreza no Brasil**

Nos dias de hoje, o Brasil sofre muito com a pobreza, que a cada dia que passa piora. São pessoas que passam necessidade tremenda e quem poderia ajudar a resolver esse problema, nem se interessa, com isso as pessoas se revoltam porque uns tem demais e outros não tem nada.

A cada dia que passa, aumenta o número de crianças que morre de fome no Brasil: principalmente em pequenas comunidades, interiores bem distantes da cidade grande, e isto não vai se resolver tão cedo, até porque não é um problema fácil e é todo o país que está passando por dificuldade. O Brasil sofre pelo desemprego, sofre pelos políticos corruptos que tem.

Mas não é só o Brasil que está passando por dificuldade, e sim o mundo todo e se esse assunto não for levado a sério, com certeza causará problemas maiores.

A afirmação

*“(...) o Brasil sofre muito com a pobreza, que **a cada dia que passa piora.**”*

omite detalhes indispensáveis a que o leitor tenha uma informação básica. Quais eram os números da pobreza no Brasil numa época anterior e quais são estes números agora? Quantas pessoas estão desempregadas? Quantas sobrevivem com subempregos? Quantas não têm casa própria ou vivem nas ruas? Quantas não têm acesso à saúde? Quantas não freqüentam escola? Também na passagem

*“(...) quem poderia ajudar a resolver esse problema, nem se interessa (...)”,*

não se explicita quem possui o poder de solucionar o problema, embora as alternativas sejam limitadas, e, por meio de inferências, chegue-se ao governo ou aos mais abastados. Ainda em

*“A cada dia que passa, aumenta o número de crianças que morre de fome no Brasil (...)”*

não se menciona qual é o número de crianças vítima da fome.

Por isso, incompletas, estas afirmações ficam devendo ao receptor dados imprescindíveis para aquilo que o texto pretendia comunicar.

### 3.1.3 Desrespeito ao mundo real

Um total de 21 textos (57%) contradizem o conhecimento social e historicamente aceito, fatos e crenças, a que se denomina mundo real.

*Tabela 4*

TEXTO	DESRESPEITAM O MUNDO REAL	
	sim	não
01	x	
02		x
03	x	
04	x	
05		x
06		x
07		x
08		x
09	x	
10	x	
11	x	
12	x	
13	x	
14		x
15	x	
16		x
17	x	
18	x	
19	x	
20		x
21		x
22	x	
23		x
24	x	
25	x	
26	x	
27		x
28		x
29		x
30	x	
31	x	
32	x	
33		x
34		x
35		x

36	x	
37	x	

Vão de encontro ao mundo real as informações presentes nos textos:

### 01

“(...) Deus morreu na cruz para nos dá tudo de bom e do melhor (...)”

O autor confunde Deus com Jesus.

### 03

“(...) cerca de 21,1 milhões de pessoas são pobres (...)”

De acordo com o gráfico apresentado para a criação do texto, 21,1 milhões de pobres é o número de crianças e adolescentes, e não de toda a população.

### 04

“Mas não é só o Brasil que está passando por dificuldade, e sim o mundo todo (...)”

É certo que há dificuldades em todos os países, mas nem todos apresentam pobreza como o Brasil.

### 09



“A nossa sociedade faz com que você tenha discriminação com outra **pessoa inferior a você (...)**”

Há contradição do autor. Se ele não admite discriminação, não pode considerar uma **pessoa inferior a outra**, mesmo que ela possua menor poder aquisitivo, menos influência ou exerça função considerada de menor relevância. O papel que a pessoa representa na sociedade pode até ser entendido como inferior numa dada hierarquia, mas não a pessoa em si.

## 10

“MendigAR, roubAR, matar esta é a realidade de muitos jovens que vivEm no Brasil, porEm não é difícil encontRAR CRIANÇAS, com muito dinheiro, com Tudo na vida, vivEndo em “poço” quase Tão profundo.”

Não é comum encontrar crianças ricas cuja realidade se aproxime da que é vivida pelas crianças pobres que mendigam, roubam e matam.

## 11

“No mundo em que vivemos hoje a sociedade nos dá o direito de escolher apenas duas opções; Você tem ou já nasce tendo ou não tem nada.”

O autor anuncia que há somente duas opções, mas cita três: “ter”, “já nascer tendo”, “ou não ter nada”.

## 12

“(...) o que dividia a sociedade em castas era o Dinheiro, hoje é o Saber (...)”

Tanto o dinheiro quanto o saber dividem as pessoas em classes sociais.

### 13

“A cada dia o número de crianças e adolescentes na rua aumenta e aumenta também o número de crianças e adolescentes que fingem não ver esse problema, a pobreza.”

Crianças (principalmente) e adolescentes não têm maturidade para verem ou fingirem não ver o problema da pobreza.

### 15

“(…) a má distribuição de renda, concentrada nas mãos da minoria da população trazendo terríveis conseqüências que fazem do nosso país um modelo de corrupção (…)”

Não é a concentração de renda que faz do Brasil um país corrupto. A corrupção advém da falta de princípios dos gestores públicos, incentivada pela ausência de um Judiciário livre, de punições severas e de uma fiscalização efetiva da sociedade, embora não se despreze o fato de que a concentração de renda, geradora da pobreza, impossibilita o exercício da cidadania, o que implicaria a fiscalização dos administradores públicos.

### 17

“O nosso governo tem o **direito** de ajudar a quem necessita (…)”

O que o governo tem é o **dever**, não o **direito**.

## 18

“Existe uma desigualdade talvez por causa do sistema de governo, a falta de emprego, para a grande população, a **falta de desinteresse** por parte das pessoas (...)”

Há falta de **interesse**, e não de **desinteresse**.

## 19

“São mais de 20 milhões de jovens sem condições mínimas de vida.”

A informação que está no gráfico como subsídio para redação do texto informa que 21,1 milhões é o número de crianças e adolescentes pobres, e não de jovens.

## 20

“Muitos orfanatos são criados (...)”

Pelo menos, se é verdadeiro, este não é um fato publicamente conhecido.

## 24

“(...) a chave de tudo isso é a educação (...)”

Embora imprescindível, haja vista o exemplo do Japão após a Segunda Guerra Mundial, a educação não é, por si só, suficiente para erradicação da pobreza.

## 25

“Vivemos em um país que sabe muito bem o que tem dentro dele, muitos pensam que escondem isso de alguém através de reportagens falsas onde diz que o Brasil é um país tropical, cheio de mulheres bonitas, mais isso é uma mentira. Estamos num país em que ainda há pessoas que morre de fome (...)”

Mostrar o Brasil como um país tropical, com mulheres bonitas, não é uma visão falsa, apesar de ser uma abordagem parcial.

## 26

“(...) à sociedade tem que se **imobiliza** e fazer sopão, doar agasalhos (...)”

Na verdade, o autor pretendia usar a palavra **mobilizar**, em vez de **imobilizar**.

## 30

“Por falta de educação por conta dos pais, pois tem muitos filhos e não pode da educação suficiente a todos, por esta causa à muitas crianças pobres que entram no mundo da marginalização (...)”

Não se pode atribuir a miséria exclusivamente ao alto índice de natalidade, embora ele contribua para o aumento da pobreza.

## 31

“É bem verdade que o Brasil é um país subdesenvolvido, e como tal existem pessoas com suas devidas classes sociais.”

Classes sociais diferentes há em todos os países, é bem verdade que em muitos não há tanta desigualdade como no Brasil.

### 32

“No Brasil, por ser um país de subdesenvolvido, a taxa de pessoas com o padrão de vida inferior a da camada populacional é bastante assustadora, em 99 só de crianças a taxa chega a 21,5%.”

Leitura equivocada do gráfico (cf. comentário dos textos 03 e 19).

### 36

“(…) acham que a qualquer momento uma criança ou um jovem pode encostar e pedir uma ajuda, e algumas vezes eles só querem uma palavra de amor e carinho, porque com certeza muitos não recebem isso em casa e procuram na rua e quando não conseguem acabam roubando, matando e até se prostituindo.”

Parece ingênuo supor que o desejo das crianças de rua, embrutecidas pela miséria, seja uma palavra de amor e carinho, quando é sempre urgente conseguir algum alimento.

### 37

“Infelizmente ainda no Brasil, a fome é encarada num gesto de humor (…)”

O *cartoon* usado como proposta para o texto, de fato, trata a fome como humor, mas não se pode dizer que este seja o tratamento em geral dispensado à fome no Brasil.

Pela observação dos dados acima, vê-se que a desobediência ao mundo real, aqui, advém da interpretação errada do número de crianças e adolescentes pobres, que aparece no gráfico que serve de subsídio para escritura do texto (03, 19 e 32); do uso incorreto de uma palavra em lugar de outra (17, 18 e 26), sendo que em 17 há uma inversão de papéis (o governo tem o *dever* e não o *direito*) e em 18 e 26, utilização das palavras *desinteresse* e *imobilizar*, em lugar de *interesse* e *mobilizar* respectivamente; da contradição ao mundo textual, interna ao texto, afirmando-se uma coisa e depois negando-se o que foi afirmado, ou afirmando o que havia sido negado antes (09, 11); confronto com a verdade histórica e socialmente aceita (01, 04, 10, 12, 22 e 31); da universalização de um fato específico (37); e da visão ingênua sobre o tema tratado no texto (15, 13, 24, 25, 30, 36).

#### **3.1.4 Problemas quanto às técnicas de arranjos de seqüências, de acordo com a informatividade — *relação título X texto***

Inclui-se neste item o estudo das expectativas geradas pelo título do texto, e da relação entre título e corpo do texto, outros aspectos relativos à técnica de arranjo de seqüências não são examinados.

Encontram-se problemas nos títulos de 5 textos (14%) e há um que não apresenta título, caso que é comentado no item “Problemas quanto aos gêneros textuais”

São inadequados os títulos dos textos:

02

*Será que o Brasil é tão pobre*

Hoje em dia o índice de pobreza é muito grande no Brasil.

O país mal administrado, politicamente e socialmente. Gerando a falta de empregos, violência e a prostituição

Muitos sem ter saída e sem chance de opitar por um emprego digno para sustentar sua família, se ver obrigado a colocar seus filhos para trabalhar nas ruas, sem saber das consequencias que poder trazer com o tempo

E por sua vez suas mães a se prostituí, virando escrava do sexo sem tomar cuidado tendo mais filhos e colocando na rua ou até mesmo a matar, rouba e o usa drogas.

Tendo em vista, quem e rico fica mais rico e quem e pobre fica mais pobre.

A pergunta, embora o autor não tenha posto o sinal de interrogação, dá a entender ao receptor que serão exibidos elementos para demonstrar que o Brasil não é tão pobre, mas o corpo do texto não confirma isso.

## 07

### *Pobreza no Brasil, um ciclo interminável*

A pobreza hoje em dia deve ser encarada como uma consequência da situação econômica no país. A cada dia a situação piora, quem era classe média alta vira apenas classe média, quem era classe média vira pobre e quem era pobre vira um miserável.

Viver bem no Brasil está cada dia mais difícil, o desemprego está cada vez maior e isso leva muitas pessoas cometer assaltos e sequestros

O número de miseráveis vem aumentando cada vez mais e o que tem sido feito para que essa situação melhore não é suficiente. Não são dadas muitas chances as crianças e adolescentes com isso cresce cada vez mais o número de

adolescentes incapacitados e que ficam nas ruas tentando conseguir algum dinheiro para ter o que comer.

É preciso que o governo invista mais nas Escolas Públicas, porque melhorando a educação as crianças de hoje poderão ser profissionais capacitados amanhã.

No corpo do texto encontra-se a informação de que a pobreza se agrava no Brasil, mas não a idéia de que a pobreza é um “ciclo interminável.”

## 25

### ***POBREZA: QUEM CRIOU OU CRIA ESTA POBREZA?***

VIVEMOS EM UM PAÍS QUE SABE MUITO BEM O QUE TEM DENTRO DELE, MUITOS PENSAM QUE ESCONDEM ISSO DE ALGUÉM ATRAVÉS DE REPORTAGENS FALSAS ONDE DIZ QUE O BRASIL É UM PAÍS TROPICAL, CHEIO DE MULHERES BONITAS, MAIS ISSO É UMA MENTIRA. ESTAMOS NUM PAÍS EM QUE AINDA HÁ PESSOAS QUE MORRE DE FOME, SEDE, TEM MUITAS CRIANÇAS POR AÍ SE PROSTETUANDO, ISSO NA VERDADE É O PAÍS EM QUE MORAMOS.

PESSOAS REALMENTE MOSTRA ARROGÂNCIA, DESPREZO, FALTA DE COMPREENSÃO, E TAMBÉM ENSINAM AS CRIANÇAS HUMILHAR ESTE TIPO DE PESSOAS, VAMOS BOTAR A CULPA EM QUEM? VAMOS PROCURAR AS RESPOSTAS AONDE? NÃO SABEMOS, FICAMOS AQUI NESTA MESMA CONDIÇÃO DE VIDA E NINGUÉM TENTA RESOLVER ESTE PROBLEMA. MUITOS PENSAM QUE ESTAS PESSOAS ESTÃO NESTA SITUAÇÃO POR CAUSA QUE NÃO QUEREM TRABALHAR, PREGUIÇA, ETC.; ISSO É COMPLETAMENTE INFANTIL, PORQUE A POBREZA É UMA COISA QUE HÁ SÉCULO PREDOMINA NOSSO PLANETA, MAIS EM MUITOS LUGARES COMBATERAM A POBREZA E TENTOU RESOLVER, NO BRASIL PARECE QUE ISSO NÃO ACONTECE, TODOS DIZEM QUE VAI RESOLVER E NADA MUDA, PORQUE ELES QUEREM OU PARECE GOSTAR DE CRIAR A POBREZA VIVER COM ELAS SEMPRE, PARA PODER SE DESTACAR NAS SUAS CAMPANHAS POLÍTICAS PROMETENDO AJUDA E GANHANDO VOTO, LOGO APÓS AS ELEIÇÕES ELES OS ABANDONAM E ELES FICAM COMO SEMPRE MORANDO NAS FAVELAS, NA RUA, ETC. O BRASIL CONTINUA SENDO FALSO EM TODOS OS ASPECTOS, POLÍTICOS, ECONÔMICOS E SOCIAIS.

DEVEMOS FAZER CAMPANHA PARA HAVER ENSINO AS CRIANÇAS DE RUAS, DEVEMOS FAZER MAIS ABRIGOS PARA OS SEM-



TETOS, TODAS AS PESSOAS DEVEM TER ESSE DIREITO. O NOSSO PAÍS PRECISA TER UMA PAZ ENTRE OS CORRUPOTOS E TENTAR MELHORAR A COMUNICAÇÃO ENTRE POLÍTICO E ELEITORES PARA QUE O BRASIL POSSA MELHORAR.

O QUE VEMOS NA RUA TEMOS QUE TOMAR COMO EXEMPLO E TENTAR MELHORAR O NOSSO RELACIONAMENTO COM ESSAS E NÃO DESPREZALAS, SÓ ASSIM VAMOS TENTAR VIVER EM PAZ.

O texto destaca as “reportagens falsas”, que mostram o Brasil como um país tropical, com mulheres bonitas, enquanto crianças morrem de fome; enfatiza que os mais abastados são arrogantes e desprezam os mais pobres, não responde, entretanto, à pergunta formulada no título.

### 33

#### *A culpa*

Será que a falta de educação, moradia e emprego são motivos para pobreza brasileira que afeta as crianças? Ou esses motivos são consequência da falta de amor para com o próximo?

Sabemos que os políticos brasileiros não tem ajudado a classe social pobre a miserável. É necessário investimento do governo para mudar o quadro de pobreza no Brasil, estimulando a educação tanto para o adulto como para crianças e jovens, capacitando-os ao mercado de trabalho tão exigente. Evitando crianças e adolescentes nas ruas, algumas vendendo chocolates para levar dinheiro para casa. A fim de sobreviverem.

Incluindo uma moradia digna, com saneamento básico evitando tantas doenças.

Mas a sociedade de certa forma também contribui para a pobreza. Quando discriminam os pobres colocando-os inferiores a ela por não terem casa, roupas limpas, não estudarem. Assim oprimemem-os e a maneira que os pobres

tem para se defenderem é a violência que tem assustado a população.

O governo tem culpa por haver tanta pobreza no país, mais a população também pode fazer sua parte sem ter pobreza de espírito.

Muito genérico, o título não situa o leitor no tema que vai ser tratado, embora o contexto imediato permita a previsão de que “*A culpa*” é na verdade “*A culpa pela pobreza*”.

### 34

#### ***Pobreza: “A virtude da boa sociedade”***

Cada nação neste mundo tem sua cultura, desenvolvimento econômico, problemas sociais e uma “virtude”, que por mais que seja de baixo nível ainda existe dentro da sociedade: a pobreza.

De um modo geral a palavra pobreza se refere aos cidadãos de muito baixa renda, ou até mesmo de nenhuma renda financeira. É muito comum se encontrar em algumas casa esse tipo de pobreza relacionado ao lado financeiro, porém mais comum e triste é você presenciar nas ruas do seu próprio bairro, na televisão da sua casa e nos jornais que você ler todas as manhãs, que existe pessoas adultas, idosas e crianças vivendo em condições miseráveis, onde nem um teto sobre suas cabeças eles tem para se proteger da chuva. Ao olhar toda essa situação de vida que se encontram essas pessoas, a sua mente começa a trabalhar e você começa a perceber como é a política de seu país, como se comporta diante desses problemas sociais a sociedade de que você faz parte, você procura saber o que as pessoas estão fazendo para

melhorar esta situação e finalmente você se olha e se pergunta de que maneira está também contribuindo para melhorar a vida dessas pessoas que embora para muitos não pareça, fazem parte da sociedade.

Verdadeiramente, você não sabe responder, pois a pobreza é uma “virtude” sua e da sociedade.

O título é marcado por ironia, denominando-se pobreza como virtude, porém o texto não consegue um refinamento irônico e beira mais o contraditório.

### 3.1.5 Problemas quanto aos gêneros textuais

A maioria dos textos — 26, ou 70% — é adequada no que se refere aos gêneros textuais. Conseqüentemente 11 textos, ou 30%, mostram falhas.

*Tabela 5*

PROBLEMAS QUANTO AOS GÊNEROS TEXTUAIS		
TEXTO	sim	não
01		x
02		x
03		x
04		x
05	x	
06		x
07		x
08		x
09	x	
10		x
11	x	
12		x
13	x	
14		x
15	x	
16		x
17		x
18		x
19		x
20		x

21		X
22	X	
23		X
24	X	
25		X
26	X	
27		X
28		X
29		X
30		X
31		X
32	X	
33		X
34	X	
35	X	
36		X
37		X

Os problemas ocorrem na *ausência de título, falta de polidez, no uso de formas típicas da língua oral e na escolha da pessoa do discurso (você)*.

#### ***Ausência de título***

Registra-se no texto **05**.

Alguns textos prescindem de título, tais como cartas, bilhetes, mas este elemento é indispensável aos artigos, até porque funcionam como uma “porta de entrada” para o leitor. Deduz-se, entretanto, que a falta de título, no texto **05**, não deve ser interpretada como desconhecimento do aluno, mas possivelmente como esquecimento.

#### ***Falta de polidez***

Encontra-se nos textos

“Acomodação. É assim mesmo, **curto e grosso**; é exatamente o que está acontecendo com a sociedade de forma geral.”;

**09**

“(…) A nossa sociedade é completamente **ridícula e podre** (…)”

**15**

“(…) trazendo assim terríveis conseqüências que fazem do nosso país um modelo de corrupção e **falta de vergonha** dos nossos governantes (…)”

**20**

“(…) eles cada vez mais **roubam dinheiro** que mataria a fome de muitos (…)”

Expressões como “**curto e grosso**”, “**ridícula e podre**”, “**falta de vergonha**” e “**roubam dinheiro**”, são típicas de outros gêneros textuais como **discurso de campanha política, falação de entidade de classe**, mas não de um **artigo de opinião**.

**Falha quanto à modalidade da língua**

Encontram-se nos textos

**13**

“(…) **Bem** devemos tomar isso como exemplo (…)

## 15

*“(...) Bem, a pobreza em nosso país é realmente um fator preocupante (...)”*

## 32

*“Nisso junta a pobreza de espírito solidário com a pobreza econômica pronto!”*

O marcador “bem”, presente nos textos 13 e 15, é apropriado aos textos conversacionais. Aparece, com frequência, em entrevistas ou outros gêneros em que acontece o par pergunta - resposta, funcionando como estratégia de planejamento para o falante e demonstração de que está interessado no tema. Não é, porém, comum a um artigo.

*escolha da pessoa do discurso (você)*

Em alguns textos, há o direcionamento da mensagem a um interlocutor identificado como “você”, o que seria comum numa carta pessoal, ou num texto de publicidade, mas não num artigo de opinião. Tal opção se encontra nos textos

## 09

*“A nossa sociedade faz com que **você** tenha discriminação com outra pessoa inferior a **você**”*

## 11

*“**Você** tem ou já nasce tendo ou não tem nada.”*

22

“Há alguns casos que deixa **você** emocionado e muitas vezes fico pensando, somos tão iguais e ao mesmo tempo tão diferentes, isto não deveria existir.”

24

“Como é complicado **você** passar por uma rua da cidade e observar meninos tão novos que se drogam, roubam e até matam.”

26

“Pobreza, quando **você** fala essa palavra pensamos logo nas crianças de rua que ficam pedindo esmolas.”

34

“É muito comum se encontrar em algumas casa esse tipo de pobreza relacionado ao lado financeiro, porém mais comum e triste é **você** presenciar nas ruas do seu próprio bairro (...)”

35

“E **você**? Tem feito a sua parte?”

### **3.1.6 Problemas considerando-se o contexto imediato**

Os autores dos textos da Produção I agiram, de fato, segundo o contexto imediato fazia prever.

A informação geral que o leitor espera encontrar nos textos é sobre a pobreza, e o gênero textual em que ele acredita que estas informações sejam apresentadas é o artigo de opinião, pois, embora não haja indicação explícita na orientação fornecida ao aluno, este era o conteúdo previsto para a prova. E 100% dos textos abordam a questão da pobreza; assim como também 100% dos textos se apresentam como artigos de opinião.

Encontra-se referência às informações constantes nos textos-base em 16 textos, ou seja, 43%. Ao texto-base I, reportam-se 9 textos, ou 24%; ao II, 7, ou 19%. Conseqüentemente, 21 textos, ou 57%, não fazem alusão às informações constantes na “Orientação”, embora também tratem do mesmo tema: a pobreza.

Todos os 37 textos da Produção I são artigos de opinião e tratam da questão da pobreza, correspondendo, assim, plenamente às expectativas do receptor, que esperava um artigo de opinião, tipologicamente classificado como dissertação. Desta maneira, pode-se afirmar que, levando-se em conta o contexto imediato, o receptor não enfrenta problemas na leitura dos textos.

### 3.1.7 O que os dados da Produção Textual I revelam

O resultado final da avaliação da Produção Textual I não chega a surpreender, pois se esperava um alto índice de textos com problemas quanto à **informatividade**. Por isso, o fato de 97% dos textos apresentarem um baixo nível de **informatividade** não é assustador, uma vez que tanto os perfis dos produtores e do receptor, quanto as condições de produção e recepção indicavam essa tendência.

Previa-se que o nível de **informatividade** não seria bom, sobretudo, porque as condições de produção postas, ou impostas, aos autores não lhes permitia dados suficientes nem informações relevantes e desconhecidas para o receptor, que, lembre-se, é o professor. Não se trabalhava, porém, com a hipótese de que, além de apresentarem falhas por trazerem somente informações conhecidas e, ainda, dados



muito genéricos, os textos também revelariam, em larga escala, problemas quanto ao mundo real.

Deste modo, o alto índice de falhas ligadas à contradição ao mundo real é um fato que chama a atenção. Dos 37 textos, 21, ou 57%, contradizem o conhecimento do mundo real ou histórica e socialmente aceito.

As outras falhas identificadas dizem respeito a *técnicas de arranjos de seqüências* — adequação do título — (14%); *gêneros textuais* (30%). Não se verificam problemas na análise do *contexto imediato*.

Os alunos revelam dificuldade no domínio da linguagem escrita, o que os leva ao emprego de formas típicas da linguagem oral. Outro problema é na escolha da pessoa do discurso, fazendo-se referência a um interlocutor identificado como “você”.

Mesmo sem perder de vista as condições de produção dos textos, o índice de *desrespeito ao mundo real* é muito alto e são desobedecidos conhecimentos elementares.

### 3.2 Produção Textual II

Mostrou o exame da Produção Textual II que, dos 37 textos, 27 apresentam baixo nível de **informatividade**; 10 textos têm um nível médio e nenhum deles possui um bom nível de **informatividade**.

**Tabela 6**

<b>NÍVEL DE INFORMATIVIDADE EM NÚMEROS ABSOLUTOS</b>		
BAIXO 27	MÉDIO 10	BOM 0

**Tabela 7**

<b>NÍVEL DE INFORMATIVIDADE EM PERCENTUAL</b>		
BAIXO 73%	MÉDIO 27%	BOM 0%

**Tabela 8**

<b>TEXTOS</b>	<b>NÍVEL DE INFORMATIVIDADE</b>		
	<b>BAIXO</b>	<b>MÉDIO</b>	<b>BOM</b>
01	x		
02	x		
03	x		
04	x		
05	x		
06		x	
07	x		
08		x	
09	x		
10	x		
11	x		
12	x		
13	x		
14	x		
15	x		

16		x	
17	x		
18	x		
19		x	
20	x		
21	x		
22	x		
23		x	
24	x		
25	x		
26	x		
27	x		
28	x		
29		x	
30	x		
31	x		
32		x	
33	x		
34	x		
35		x	
36		x	
37		x	

As falhas advêm das informações apresentadas, que, em sua maioria, são absolutamente previsíveis e trazem dados insuficientes, ou, ainda, contradizem o mundo real, desobedecem às características dos gêneros textuais, frustram o que se esperava de acordo com o contexto imediato, não correspondem ao que foi anunciado pelo título.

Tem-se no texto **02** um exemplo do baixo nível de **informatividade** presente em 73% da Produção Textual II.

### *Texto 02*

#### **Enfermagem**

Enfermagem é uma profissão bastante concorrida e está em alta no mercado de trabalho.

Esse trabalho exige muita atenção pois basta um erro pequeno para ser fatal, e acima de tudo Respeito e amor ao próximo.

As pessoas que optam por esse tipo de profissão tem que ter muita coragem porque vai se deparar com muitas tragédias

O campo de enfermagem é muito vasto, você pode fazer no final do curso uma especialização, obstetria por exemplo.

Como toda profissão exige muita garra e força de vontade, pois é um curso muito difícil e concorrido.

Traz o texto problemas como a apresentação do que é demasiadamente óbvio e circula no meio do senso comum:

“Esse trabalho exige muita atenção pois basta um erro pequeno para ser fatal, e acima de tudo Respeito e amor ao próximo.”

“Como toda profissão exige muita garra e força de vontade, pois é um curso muito difícil e concorrido.”

e omissão de dados essenciais:

“O campo de enfermagem é muito vasto, você pode fazer no final do curso uma especialização, obstetria por exemplo.”

Há o anúncio de que o campo é muito vasto, mas falta a citação das possibilidades que ele oferece — já que se menciona apenas uma — para que se justifique tal afirmação.

Já o texto **36** possui um padrão de **informatividade** superior ao **02**, analisado acima.

## 36

**A escolha certa**

A minha escolha pelo curso de Medicina veio desde a infância, quando ia a hospitais, clínicas e achava bastante interessante a função daquelas pessoas salvando vidas, curando doenças e essa vontade de fazer o mesmo foi aumentando cada vez mais.

As perspectivas de mercado por incrível que pareça são altas, apesar do desemprego que é grande no país, a medicina é um curso pelo qual não vem passando por essa crise.

De uns tempos para cá procurei me informar bastante sobre o curso que escolhi, algumas coisas do tipo: especialização, cursos de aprofundamento na Medicina, hospitais e clínicas onde poderei fazer estágios e outras coisas.

Sobre a influência da minha família e amigos estou bastante satisfeita pois todos estão me dando o maior apoio, principalmente nas horas em que fico saturada com os estudos eles sempre tem uma palavra de apoio e sempre dizem que tenho que seguir o que mais quero na vida que é ser aprovada no curso.

Contudo, também se evidenciam falhas no texto **36**, até porque o seu nível de **informatividade** é apenas médio. Verificam-se dados incompletos:

“De uns tempos para cá procurei me informar bastante sobre o curso que escolhi, algumas coisas do tipo: especialização, cursos de

aprofundamento na Medicina, hospitais e clínicas onde poderei fazer estágios e outras coisas.”

O parágrafo acima não responderia a possíveis indagações do receptor, tais como: “*A especialização pode ser feita em quais áreas? Quais as clínicas e hospitais onde se pode realizar estágio?*”

Não se encontram, neste texto, entretanto, a apresentação de informações excessivamente óbvias, como as que ocorrem no texto 02.

Sublinhe-se que o fato de o texto **36** ser um depoimento torna mais fácil a elaboração da **informatividade**, uma vez que o autor conhece muito bem o tema sobre o qual está escrevendo, não precisando fazer pesquisas para obter informações mais relevantes.

### 3.2.1 Previsibilidade das informações

Um total de 27 dos 37 textos, valor equivalente a 73%, apresenta informações altamente previsíveis, portanto desnecessárias. São clichês ou frases dispensáveis, por serem demasiadamente óbvias.

*Tabela 9*

TEXTO	INFORMAÇÕES ALTAMENTE PREVISÍVEIS	
	sim	não
01		x
02	x	
03	x	
04	x	
05	x	
06		x
07	x	
08	x	
09		x
10	x	
11		x

12		x
13	x	
14	x	
15	x	
16	x	
17	x	
18		x
19	x	
20	x	
21	x	
22	x	
23	x	
24		x
25	x	
26	x	
27		x
28	x	
29	x	
30	x	
31	x	
32		x
33	x	
34	x	
35	x	
36		x
37	x	

Os clichês estão presentes em dois grupos maiores de textos. No primeiro, aparece o ponto de vista de que “*A escolha profissional é uma decisão muito difícil*”, presente em 17 textos, 46%. No segundo, encontra-se a opinião de que “*A escolha deve ser feita conscientemente*”, que está em 11 textos (30%). Outros conjuntos menores de textos revelam as seguintes teses, aparecendo em 2 textos (5%) cada uma delas: “*Para exercer a profissão é preciso muito amor e respeito ao próximo*”; “*Um erro no exercício da profissão pode ser fatal*”; “*É uma atividade que exige muito profissionalismo das pessoas*”; “*A felicidade depende da escolha da profissão certa*”

Há outras informações irrelevantes, por serem demais conhecidas, nos textos:

**02**

“Como toda profissão exige muita garra e força de vontade (...)”

**03**

“Então o melhor a fazer é estudar pois essa é a melhor maneira de entrar na universidade.”

**04**

“Então tudo se complica a partir daí, que conseguir um emprego hoje é muito difícil.”

**28**

“Já está mais que provado que a escolha profissional é um grande passo na vida de qualquer um (...)”

“(...) as escolhas feitas no presente serão refletidas no futuro (...)”

São informações, como se vê, dispensáveis, visto que pertencem ao conhecimento comum e nada acrescentam ao conteúdo dos textos.

**3.2.2 Insuficiência dos dados**

Dos 37 textos analisados, 24, ou 65%, trazem informações imprecisas ou muito genéricas, sem os detalhes suficientes para sua compreensão.



Tabela 10

INSUFICIÊNCIA DE DADOS		
TEXTO	sim	não
01	x	
02	x	
03	x	
04		x
05	x	
06		x
07		x
08		x
09	x	
10	x	
11	x	
12		x
13	x	
14	x	
15		x
16		x
17	x	
18		x
19	x	
20	x	
21	x	
22	x	
23		x
24	x	
25	x	
26	x	
27	x	
28		x
29		x
30	x	
31	x	
32	x	
33		x
34	x	
35	x	
36	x	
37		x

Mostram-se abaixo textos com problemas de insuficiência de dados.

**01**

“Hoje em dia adoro criança ou simplesmente **obter ordem em todos fatores**, então resolvi optar pela área de pedagogia, pois é a área que mais me preenche, mas não sei ser é a certa”

A expressão “*obter ordem em todos os fatores*” talvez signifique algo como “*manter a disciplina.*”, mas não se pode precisar o que de fato signifique

**02**

“O campo de enfermagem é muito vasto, você pode fazer no final do curso uma especialização, obstetria por exemplo.”

Após anunciar-se que o campo de enfermagem é muito vasto, cita-se apenas uma das especializações que o integram.

**22**

“É um curso bastante complexo e que serve para **muitas áreas** mas requer de você muita atenção dedicação e paciência.”

O autor não menciona quais são estas “muitas áreas”.

**30**

“A escolha do curso profissionalizante é muito difícil, pois é dele que você vai depender para o resto de sua vida, a escolha do curso de Fisioterapia é por se trata de ser uma área de saúde e de mexe com **todo o tipo de personalidade**, por não trabalhar em um só lugar e também por talvez trabalhar em equipe.”

Não fica claro o que seja, no caso, “todo o tipo de personalidade”.

### 31

“Pedagogia ajuda o profissional em sua área, ou seja, ajuda uma pessoa a resolver um problema dentro de seu trabalho, já um psicólogo ajuda uma pessoa com os seus obstáculos em sua vida emocional, **ou seja lá o que for.**”

A expressão “*ou seja lá o que for*” é tão abrangente que implica admitir, no caso, que caberia também à psicologia, por exemplo, cuidar de problemas de joelho.

### 3.2.3 Desrespeito ao mundo real

*Tabela 11*

TEXTO	DESRESPEITAM O MUNDO REAL	
	sim	não
01	x	
02		x
03	x	
04	x	
05		x
06		x
07		x
08		x
09		x
10		x
11		x
12	x	
13	x	
14		x
15	x	
16		x
17		x
18		x
19		x
20		x

21	x	
22	x	
23		x
24	x	
25		x
26		x
27		x
28		x
29		x
30		x
31	x	
32		x
33		x
34	x	
35		x
36		x
37		x

Verifica-se desobediência ao que se convencionou chamar mundo real em 11 dos 37 textos, o correspondente a 30%. Infração presente nos textos:

### 01

“Atualmente não escolhemos o que realmente gostamos de fazer e sim uma profissão para simplesmente sobreviver neste país.

Hoje em dia adoro criança ou simplesmente obter ordem em todos fatores, então resolvi optar pela área de pedagogia, pois é a área que mais me preenche, mas não sei ser é a certa.

(...)”

No segundo parágrafo, o autor afirma haver escolhido pedagogia, por ser a área que mais o preenche, indo de encontro à afirmação anterior de que hoje a escolha dos cursos não se faz por vocação ou afinidade, mas por sobrevivência.

### 03

“Ciência da computação por exemplo é um excelente curso apesar de ser muito concorrido.”

A afirmação de que o curso tem alta concorrência não é uma concessão, mas uma consequência. Na verdade, ciência da computação é um excelente curso, conseqüentemente — e não apesar disso — possui grande concorrência. Embora, não se possa deixar de considerar que talvez a intenção do autor tenha sido dizer que ciência da computação é uma boa escolha, mas o candidato encontrará dificuldades em virtude da elevada concorrência. De toda sorte, há margem para que se avalie a informação como contrariando o mundo real.

### 04

“Hoje em dia **o mundo está mais complicado em relação a tudo.**”

Ao contrário do que o texto afirma, são muitas as coisas que, no mundo atual, estão mais simples. Por exemplo: hoje é mais fácil a comunicação entre as pessoas (fax, Internet, celular).

### 12

“O jovem moderno encontra-se dividido entre **duas “Realidades”, o sonho e a necessidade**, causando várias dúvidas entre o que fazer e o que seguir.

**Em um passado não tão distante**, antes da Revolução Industrial, a escolha profissional restringia-se à duas condições, o dinheiro para pagar e os cursos a serem oferecidos, Medicina, Direito e

Ciências em Geral eram as opções tanto disponível como imposta pelo pai, porém **hoje isto não passa de passado e bem distante**.

(...)

O autor, no primeiro parágrafo, anuncia duas **realidades**, mas quando vai mencioná-las, a primeira delas não é uma realidade, é o **sonho**, a outra é a necessidade. No mundo real, uma coisa não pode ser sonho e realidade simultaneamente. Note-se que a palavra “Realidades” aparece entre aspas, num sinal do autor de que ela está empregada não no sentido de “realidade” mesmo, mas possivelmente no sentido de “opção”, que seria uma palavra adequada ao texto. Entretanto, o simples fato de colocar “Realidades” entre aspas, não remedia a infração ao mundo real.

Já, no segundo parágrafo, refere-se a um mesmo tempo como sendo, primeiro “*um passado não tão distante*”; depois, como “*passado e bem distante.*”

### 13

“Quanto ao mercado de trabalho a cada dia aumenta o número de farmácias, fazendo com que o farmacêutico se especialize-se.”

O fato de o número de farmácias aumentar não faz com que o farmacêutico se especialize. O que justificaria uma preocupação com o aperfeiçoamento seria, por exemplo, a concorrência entre os farmacêuticos.

### 15

“Bem, a escolha profissional sempre foi e sempre vai ser, uma decisão muito difícil, principalmente para nós os adolescentes, que **ainda não temos maturidade** suficiente, para tomar certas decisões.

(...)

Em fim, nossa escolha profissional é algo individual, e só diz respeito unicamente a nós, **deve ser tomada com consciência e maturidade**, para que possamos ser bons profissionais nesse mundo tão competitivo.”

Como tomar a decisão com maturidade, se foi anunciado no primeiro parágrafo que o adolescente ainda não a possui?

## 21

“Escolher uma profissão aos 16 anos é algo muito difícil. É o seu futuro, a sua vida que está em jogo. É uma decisão em que você **não pode mais voltar atrás.**”

Não são isolados os casos de pessoas que chegam a concluir um determinado curso superior, até a exercer por algum tempo uma profissão, e depois fazem um novo curso universitário e mudam de área. Portanto, a escolha de uma profissão é reversível.

## 22

“Nós sempre temos uma difícil escolha e devemos pensar refletir muito ou quem sabe até mesmo um teste vocacional, **apesar deles não darem muito certo deixam você mais confuso**, esta decisão tem que ser certa pois iremos conviver com a profissão que decidirmos para sempre.”

Embora seja tomada a informação como transgressão ao mundo real, crê-se que ela decorre unicamente de duas falhas lingüísticas: a ausência da vírgula entre “certo” e “deixam” e a flexão incorreta do verbo “deixar”. Na verdade o autor

pretendia escrever “apesar deles não darem muito certo, **deixarem** você mais confuso,”

## 24

“A veterinária abrange um campo muito grande, pois em nosso mundo Temos muitas espécies de animais **e muitas outras que ainda não descobrimos**, a pessoa que quer passar num curso como esse precisa Também gostar muito de biologia e ser bastante calma **porque o animal é igual a nós humanos, eles são operados Tem as mesmas doenças que o homem tem**, por isso a pessoa que faz esse curso Tem mesmo – é que gostar de medicina e também de animais.”

O parágrafo expõe duas contradições ao mundo real. A primeira: *“Temos muitas espécies de animais e muitas outras que ainda não descobrimos”*. Onde estariam estas tantas espécies ainda não descobertas? A segunda: *“o animal é igual a nós humanos, eles são operados Tem as mesmas doenças que o homem tem”*. O fato de haver doenças semelhantes ou comuns em homens e animais não autoriza a afirmação de que o animal é igual ao homem.

## 31

“(…) pois tanto psicologia quanto pedagogia, são profissões que devem ser Trabalhadas em empresas ou em escolas, psicologia Tem um lugar a mais para ser trabalhado que são os hospitais, mas basicamente os dois cursos Tem a mesma finalidade, com suas diferenças básicas (…)”

Sabe-se que pedagogia e psicologia, embora tenham pontos em comum, são cursos com finalidades diferentes. A primeira dedica-se ao ensino ou à administração escolar, enquanto a segunda estuda os fenômenos psíquicos e comportamentais do ser humano.



## 34

“Uma das coisas mais difíceis de se escolher é o caminho profissional, pois ele será um fator muito forte na formação profissional. Quando se opta por uma profissão que exige muita dinâmica, habilidade e concentração como por exemplo o jornalismo que apesar de ser muito antigo, ainda continua possuindo grande credibilidade entre as pessoas, um mercado de trabalho estável e desenvolvimento tecnológico.”

O parágrafo traz dois problemas. Primeiro: não é estranho o fato de uma profissão antiga continuar merecendo credibilidade entre as pessoas. A medicina ou o direito são profissões antigas, muito mais que o jornalismo, aliás, e que gozam de grande prestígio. Segundo: a absorção dos profissionais da área de jornalismo pelas empresas de comunicação é pequena, considerando-se o número daqueles que anualmente concluem o curso.

Advêm as infrações neste item do desrespeito puro e simples à verdade socialmente aceita (04, 13, 21, 24, 31, 34), da contradição nos limites do próprio texto, contradição interna ao texto (01, 12, 15) e da dificuldade no domínio de certas estruturas lingüísticas (03, 22).

### **3.2.4 Problemas quanto às técnicas de arranjos de seqüências, de acordo com a informatividade – *relação título X texto***

O título não está bem formulado em 4 textos, o que corresponde a 11%, e em 1 deles, o nº **01**, não existe título.

Encontram-se títulos com problemas nos textos:

### **Escolha profissional e relações no mercado**

Será que o futuro profissional deve conciliar suas aptidões e sonhos com o mercado, ou apenas procurar algum trabalho em que possa ter um salário considerável?

Na verdade, todos sonham com um emprego no qual goste do que faz e ganhe o que merece, porém o que encontramos nas ruas são pessoas com um curso de um certo nível mendigando para ser um vendedor ou outro trabalho na área ou não, pois as expectativas de mercado estão baixas. Mas, será que existe um bom mercado de trabalho ou o que está faltando são pessoas especializadas?

É uma difícil tarefa escolher uma profissão, levar em conta sonhos, talentos, interesses... Porém, temos que pensar no futuro pois uma decisão errada trará inúmeros problemas no decorrer de uma vida inteira, e um profissional insatisfeito não terá bons resultados.

Devemos conciliar, ou melhor, tentar conciliar nossos interesses com nossos dons pois um profissional que gosta do que faz terá maiores chances de vencer e realizar seus sonhos do que uma pessoa que só faz algo por interesse.

Não se pode entender muito bem o que o título expressa. Somente com a leitura do texto percebe-se que o título quer enfatizar a relação entre *escolha profissional e mercado de trabalho*.

### ***O MEU FUTURO PROFISSIONAL QUEM DECIDE SOU EU***

Escolher uma profissão aos 16 anos é algo muito difícil. É o seu futuro, a sua vida que está em jogo. É uma decisão em que você não pode mais voltar atrás.

Ao optar por um curso deve se levar em consideração o mercado de Trabalho, a sua realização profissional, a aceitação familiar e o apoio dos amigos.

Diante de tantos cursos as pessoas ficam confusas na hora de escolher. Eu estou confusa! Já mudei mais de 7 vezes em relação ao curso. Resumindo de “Medicina” (Saúde) fui para “Arquitetura” (exatas), e depois de ter feito a inscrição podia mais mudar.

Foi levado tudo em consideração, amigos, família, EU tudo! E eu descobrir que no final de tudo isso o que importa é fazer um trabalho bem feito, se dedicar ao que você gosta por que quem vai receber um diploma depois de 5 ou 6 anos é você e mais ninguém. O que se deve decidir é se você quer ser feliz. O resto vem depois.

O texto ressalta a dificuldade de se escolher uma profissão aos 16 anos; destaca que na escolha devem ser considerados aspectos como mercado de trabalho, realização profissional e aceitação familiar; revela as dúvidas, o que fez o autor mudar de opção “mais de 7 vezes”. Mas não há a idéia de que o futuro do autor do texto vai ser decidido por ele próprio, como dá a entender o título. Existe apenas uma referência indireta:

“E eu descobrir que no final de tudo isso o que importa é fazer um trabalho bem feito, se dedicar ao que você gosta por que quem vai receber um diploma depois de 5 ou 6 anos é você e mais ninguém.”

## 25

### *“Odontologia, tenho certeza”*

De acordo com os métodos de ensino apresentados hoje, o alunado tem fontes de sobra para conhecer os cursos profissionalizantes do futuro, mas, a faixa etária com

estudantes entram em faculdades em todo mundo ainda é o problema, por não haver formação de maturidade para escolher um trabalho pelo qual designará pelo resto da vida.

Para a escolha do curso o aluno sempre põe em mente uma profissão muito desejada ou uma admiração por alguém no ramo da mesma. A família interfere na escolha, mais a última palavra sempre é do aluno. Os amigos também exercem uma parte de influência nesta escolha associando você a profissão ou o confundindo mais.

As perspectivas para o mercado atual estão voltadas para o ramo da biologia, medicina, avanços científicos e tecnológicos que leva a uma boa escolha o curso de Odontologia, com especialização em cirurgia. Nessa área o universitário disponibilizará de um fácil caminho de trabalho com uma reputada remuneração e conhecimentos empregatícios.

A entrada para a faculdade está sempre mais difícil com a elevada taxa de concorrência, mais isso não tem sido um empecílio para os alunos interessados na área odontológica. O formando em odontologia sabe dos benefícios que a profissão pode trazer depois de quatro anos de estudo. É estresante, mas recompensante.

Apesar de o título levar o leitor a inferir que se trata de um depoimento, o texto na verdade é um artigo em que o autor defende a tese de que odontologia é um bom curso a ser escolhido, mas não menciona sequer se esta foi sua escolha.

## 29

### *Baseados em quê as pessoas escolhem suas profissões?*

As pessoas devem pensar muito bem antes de fazer a sua escolha profissional, não deveriam nunca se preocupar

com a renda que vão adquirir no final do mês, claro que é muito importante ter dinheiro para poder nos divertir, vestir, alimentar, etc. Mas muito mais importante é ter prazer em fazer o que se gosta.

Por conta de má escolha na hora de decidir que carreira devemos seguir adquirimos em nossa sociedade péssimos profissionais que tornam a qualidade profissional do nosso país muito mal.

A pouco passei por uma experiência onde nenhum dos cursos me interessou e daí eu decidi fazer um curso de culinária, mas muita gente ignorou a minha escolha, fiquei confusa me preocupei com a opinião dos outros, mas percebi que não adianta, fazer o que os outros querem e sim o que eu gosto. Por isso não desisti, irei fazer o meu curso de Economia Doméstica na UFRPE e depois irei à São Paulo fazer faculdade de culinária. A única faculdade que oferece este curso fica em SP.

De acordo com o conteúdo do texto, o título poderia ser “*Como as pessoas devem escolher suas profissões*”, já que diz de que forma elas devem agir, mas não como agem.

### 3.2.5 Problemas quanto aos gêneros textuais

Tabela 12

PROBLEMAS QUANTO AOS GÊNEROS TEXTUAIS		
TEXTO	sim	não
01		x
02	x	
03		x
04	x	

05	x	
06		x
07	x	
08		x
09		x
10		x
11		x
12		x
13	x	
14		x
15	x	
16		x
17	x	
18		x
19	x	
20		x
21	x	
22	x	
23		x
24	x	
25	x	
26		x
27	x	
28	x	
29		x
30	x	
31		x
32		x
33		x
34	x	
35		x
36		x
37		x

Mais da metade dos textos, 21, o que equivale a 57%, cumpre satisfatoriamente as exigências dos gêneros textuais a que pertencem, 17 deles, ou 43%, possuem falhas. Os problemas encontrados dizem respeito à *ausência de título*, *nível de linguagem*, *uso de formas típicas da modalidade oral da língua* e à *escolha da pessoa do discurso (você)*.

#### ***Ausência de título***

Falha encontrada também no texto 01.

*Falha quanto ao nível de linguagem*

Registra-se nos textos

**04**

“E escolher um curso também é difícil pois, agora este curso pode **estar lá em cima** e amanhã **pode cair**.”

**07**

“(…) pessoas que acham que tem o direito de **se meter** na sua vida e lhe deixar mais indeciso do que você já está.”

**24**

“(…) não é um curso muito concorrido nem muito famoso como Direito e medicina mais é um curso muito **bem falado** em todas as faculdades que o oferecem.”

**27**

“E quando chega a hora de escolhermos o curso, todo mundo quer **se meter** (…)”

**30**

“(…) Fisioterapia é por se trata de ser uma área de saúde e de **mexe** com todo o tipo de personalidade (…)”

As formas “*estar lá em cima e amanhã pode cair*” (04) “*se meter*” (07 e 27), “*bem falado*” (24) e “*mexe*” (30) não são as melhores alternativas que os autores teriam para empregar em seus textos, considerando-se que se trata de artigos, cuja exigência de linguagem é formal. Assim, em seu lugar, poderiam, por exemplo, haver utilizado, respectivamente, “*prestigiado e não prestigiado*”; “*interferir* ou *intervir*”; “*prestigiado* ou *de boa reputação*”; e “*lida* ou *convive*”. Porém, o que se tem percebido, é que a tentativa dos alunos de usarem um nível de linguagem mais formal, a que não estão habituados, tem resultado em construções *inusitadas* como “*obter ordem em todos fatores*”.

### ***Falha quanto à modalidade da língua***

Identificada no texto 15.

“**Bem**, a escolha profissional sempre foi e sempre vai ser, uma decisão muito difícil (...)”

Não é apropriado utilizar num artigo, pertencente à modalidade escrita, uma forma típica da modalidade oral da língua: “*bem*”.

### ***Escolha da pessoa do discurso (você)***

Em primeiro lugar, não parece adequado o emprego de “**você**” em artigos de opinião ou em outros textos de caráter mais formal e, em segundo lugar, o uso do “você”, no caso, é ambíguo, não se sabe bem se o autor se dirige a alguém, ou se este “você” é o próprio autor. O problema aparece nos textos:

## **02**

“O campo de enfermagem é muito vasto, **você** pode fazer no final do curso uma especialização, obstetria por exemplo.”



*07*

“Escolher uma profissão não é nada fácil, afinal teoricamente **você** vai exercer aquela profissão escolhida para o resto da vida.”

*13*

“Farmácia é um curso que exige que **você** saiba de tudo que envolve o ser humano;”

*17*

“A escolha do curso tem que ser feita em relação ao que **você** se indentifica (...)”

*19*

“O campo jornalístico é muito vasto, são várias as opções que se pode escolher, como por exemplo: **você** pode trabalhar em redação de jornais e revistas, como também pode optar por rádio e televisão.”

*21*

“Escolher uma profissão aos 16 anos é algo muito difícil. É o seu futuro, a sua vida que está em jogo. É uma decisão em que **você** não pode mais voltar atrás.”

*22*

“Nós sempre temos uma difícil escolha e devemos pensar refletir muito ou quem sabe até mesmo um teste vocacional, apesar deles não darem muito certo deixam **você** mais confuso(...)”

25

“Os amigos também exercem uma parte de influência nesta escolha associando **você** a profissão ou o confundindo mais.”

28

“(...) não basta ter um curso que dar dinheiro, tem que ser um curso que **você** goste, um que lhe realize tanto na profissional quanto na financeira.”

30

“A escolha do curso profissionalizante é muito difícil, pois é dele que **você** vai depender para o resto de sua vida (...)”

34

“(...) mas **você** deve está consciente de que todas as escolhas feitas no presente serão refletidas no futuro, e que a escolha profissional será um caminho a seguir.

Todos os problemas detectados no que se refere aos gêneros estão presentes nos textos classificados como artigos, com exceção do texto nº 01, que é um depoimento, e possui como falha a ausência de título. Nos depoimentos não se encontram problemas dessa natureza, uma vez que esse gênero textual dá ao produtor uma maior liberdade, por ter menos exigências formais, permitir um nível de

linguagem informal e uma aproximação da modalidade oral, sobre a qual os alunos têm maior domínio, comparativamente com a escrita.

### 3.2.6 Problemas considerando-se o contexto imediato

A atitude dos autores da **Produção II** pode causar problemas aos receptores, por contrariar, em sua maioria, a expectativa quanto ao gênero textual, mas não causam nenhum embaraço quanto ao tema abordado.

Espera o leitor da Produção II um texto pertencente ao gênero depoimento, em que haja informações sobre o processo de escolha do curso superior para o qual o candidato fará vestibular.

Dos 37 textos, apenas 11, ou seja, 30%, podem ser classificados como depoimentos, ainda assim, 7 deles têm fortes características de artigo; portanto, somente 4, ou 11%, são genuinamente depoimentos. A maioria, 26, é artigos, correspondendo a 70%.

*Tabela 13*

<i>TEXTO</i>	<b>GÊNERO TEXTUAL</b>	
	<i>ARTIGO</i>	<i>DEPOIMENTO</i>
01		x
02	x	
03	x	
04	x	
05	x	
06	x	
07	x	
08	x	
09		x
10	x	
11	x	
12	x	
13	x	
14	x	
15	x	
16	x	

17	x	
18	x	
19	x	
20		x
21		x
22	x	
23	x	
24	x	
25	x	
26		x
27	x	
28	x	
29		x
30		x
31		x
32	x	
33	x	
34	x	
35		x
36		x
37		x

No entanto, 100% dos textos correspondem à expectativa do receptor no que concerne ao tema — a escolha do curso superior.

Abaixo, tem-se o exemplo de um artigo de opinião:

## 07

### Uma difícil escolha

Escolher uma profissão não é nada fácil, afinal teoricamente você vai exercer aquela profissão escolhida para o resto da vida. A maior dificuldade na escolha de uma profissão é saber se é aquilo mesmo que você quer, se aquela profissão combina mesmo com você e se tem mercado de trabalho para aquela área escolhida.

As pessoas hoje em dia estão entrando na faculdade com 16, 17 anos e muitos deles na hora de escolher que curso vai fazer, ficam inseguros e não sabem se é realmente aquilo que eles querem e aí é que entra a opinião da família, dos amigos e aqueles palpites de pessoas que acham que tem o direito de se meter na sua vida e lhe deixar mais indeciso do que você já está.

O pior de tudo é quando você escolhe a sua profissão, descobre que é realmente aquilo que você quer fazer e vem alguém e diz que aquele curso não presta, que não vai ter mercado de trabalho e que você vai ser um derrotado com aquela profissão.

Por isso na hora de escolher a sua profissão, não peça palpite a ninguém, procure conhecer a profissão desejada, se informe sobre o que faz o profissional daquela área, como está o mercado de trabalho e veja se é realmente aquilo que você quer para sua vida.

O texto acima não corresponde plenamente às expectativas do leitor, que esperava encontrar um relato pessoal, um depoimento, e encontra um artigo de opinião. Não ocorre, entretanto, uma frustração maior, porque, como se observa, o tema discutido coincide com a expectativa do receptor.

O texto transcrito a seguir possui tanto características de artigo quanto de depoimento.

## 29

### **Baseados em quê as pessoas escolheram suas profissões?**

As pessoas devem pensar muito bem antes de fazer a sua escolha profissional, não deveriam nunca se preocupar com a renda que vão adquirir no final do mês, claro que é

muito importante ter dinheiro para poder nos divertir, vestir, alimentar, etc. Mas muito mais importante é ter prazer em fazer o que se gosta.

Por conta de má escolha na hora de decidir que carreira devemos seguir adquirimos em nossa sociedade péssimos profissionais que tornam a qualidade profissional do nosso país muito mal.

A pouco passei por uma experiência onde nenhum dos cursos me interessou e daí eu decidi fazer um curso de culinária, mas muita gente ignorou a minha escolha, fiquei confusa me preocupei com a opinião dos outros, mas percebi que não adianta, fazer o que os outros querem e sim o que eu gosto. Por isso não desisti, irei fazer o meu curso de Economia Doméstica na UFRPE e depois irei à São Paulo fazer faculdade de culinária. A única faculdade que oferece este curso fica em SP.

Nos dois parágrafos iniciais do texto **29**, o leitor tem a impressão de que se trata de um artigo de opinião, mas no terceiro e último parágrafos encontra um depoimento, tendo ao final atendidas suas expectativas quanto ao gênero textual.

Já o texto que segue constitui-se de fato num depoimento:

### **texto 36**

#### **A escolha certa**

A minha escolha pelo curso de Medicina veio desde a infância, quando ia a hospitais, clínicas e achava bastante interessante a função daquelas pessoas salvando vidas, curando doenças e essa vontade de fazer o mesmo foi aumentando cada vez mais.

As perspectivas de mercado por incrível que pareça são altas, apesar do desemprego que é grande no país, a medicina é um curso pelo qual não vem passando por essa crise.

De uns tempos para cá procurei me informar bastante sobre o curso que escolhi, algumas coisas do tipo: especialização, cursos de aprofundamento na Medicina, hospitais e clínicas onde poderei fazer estágios e outras coisas.

Sobre a influência da minha família e amigos estou bastante satisfeita pois todos estão me dando o maior apoio, principalmente nas horas em que fico saturada com os estudos eles sempre tem uma palavra de apoio e sempre dizem que tenho que seguir o que mais quero na vida que é ser aprovada no curso.

O leitor, no texto **36**, tem plenamente satisfeitas suas expectativas tanto de tema, quanto de gênero textual, uma vez que se trata de um depoimento sobre o processo de escolha de um curso superior.

Ressalte-se que aqui se analisa apenas se os textos vão ao encontro do que o receptor espera no que diz respeito ao tema e ao gênero. Não se está discutindo, nesta seção, por exemplo, se as informações são suficientes ou relevantes.

O fato de 70% dos textos produzidos serem artigos talvez possa ser explicado pela prática escolar, que submete os alunos, quase exclusivamente, à escrita de textos tipologicamente classificados como dissertação, que se assemelham a artigos de opinião, com o objetivo imediato de demonstrarem a habilidade de redigi-los nos vestibulares, em que tal texto é privilegiado.

### **3.2.7 O que os dados da Produção Textual II revelam**

Chama a atenção o baixo nível de **informatividade**, identificado em 73% dos textos. Conforme foi exposto, nenhum dos 37 textos apresenta um nível

*bom* de **informatividade**; apenas 27% possuem nível *médio* e a maioria, 73%, tem um nível *baixo*.

É verdade que os alunos não fizeram uso de material de pesquisa, o que pode justificar a elaboração de textos com **informatividade** precária. Acredita-se, porém, que o gênero de texto proposto teria razoáveis condições de ser escrito com um nível satisfatório de **informatividade**, mesmo o aluno recorrendo apenas a sua memória, uma vez que se sugeria a elaboração de um depoimento sobre um fato que, presume-se, ainda estava bastante vivo na memória: o processo de escolha de um curso superior.

Foi visto anteriormente que 73% dos textos apresentam problemas quando à *previsibilidade da informação*; 65% no que diz respeito à *suficiência dos dados* e 30% no que se refere ao *mundo real*.

As falhas de *previsibilidade da informação* e *insuficiência dos dados* foram aumentadas certamente com a opção que 70% dos alunos fizeram: criar um artigo de opinião, em vez de um depoimento, de acordo com o que lhes foi proposto. Considera-se possível aos alunos escrever um depoimento, sem consulta a fontes de pesquisa, mas não um artigo de opinião. Dos 11 textos que apresentam nível médio de **informatividade**, 7, ou 63%, são depoimentos.

Apesar de as falhas encontradas no que diz respeito ao mundo real estarem presentes em 30% dos textos, um índice bem inferior ao registrado nos itens *previsibilidade da informação*, 73%, e *insuficiência dos dados*, 65%, são talvez mais preocupantes. Mais preocupantes porque se espera que escola, após um período de 11 tenha capacitado os alunos para que não cometam erros que vão de encontro ao mundo real, pelo menos nessa proporção, em 30% dos textos, e neste nível:

#### ***Negação do que foi afirmado no próprio texto***



**Em um passado não tão distante**, antes da Revolução Industrial, a escolha profissional restringia-se à duas condições, o dinheiro para pagar e os cursos a serem oferecidos, Medicina, Direito e Ciências em Geral eram as opções tanto disponíveis como impostas pelo pai, porém **hoje isto não passa de passado e bem distante**.

ou *desconhecimento de diferenças elementares sobre os animais e os seres humanos*

## 24

“(…) Também gostar muito de biologia e ser bastante calma **porque o animal é igual a nós humanos, eles são operados Tem as mesmas doenças que o homem tem**, por isso a pessoa que faz esse curso Tem mesmo – é que gostar de medicina e também de animais.”

Merece também uma reflexão o fato de 70% dos textos serem artigos, contrariando a proposta que orientava a criação de um depoimento. Segundo já se comentou, o fenômeno pode decorrer da massificação que a escola faz no ensino do tipo de texto exigido na maioria dos vestibulares, a dissertação. Malgrado a orientação contenha duas solicitações comuns às chamadas dissertações “O texto deverá ter de 20 a 25 linhas” e “Você deverá dar um título ao texto”, não se crê que isso tenha levado os alunos a interpretarem que se estava solicitando a escritura de um artigo, e não de um depoimento. O mais provável é que em seu cotidiano escolar os estudantes não tenham o conhecimento dos vários gêneros textuais, nem da pertinência de seu uso em situações comunicativas apropriadas.

Avalia-se como razoável o domínio dos alunos quanto ao gênero textual, já que 57% dos textos não apresentam falhas.

Considera-se bom o domínio dos estudantes na elaboração de títulos, visto que em 89% dos textos não se registram problemas neste item.



## CAPÍTULO 4

### **4. Produção Textual I e II — análise comparativa dos resultados**

Tanto a Produção Textual I, quanto a Produção Textual II têm sua **informatividade** comprometida. A quantidade de textos com baixo nível de **informatividade** é de 97% na primeira e de 73% na segunda. Alguns fatores foram determinantes para essa diferença.

As características da artificial situação comunicativa que envolvem a **Produção I** tornam muito difícil a criação de um texto com bom nível de **informatividade**, pois, dentre outros aspectos, é preciso levar-se em conta que o leitor tem mais informações que o escritor.

Ao contrário, as características do evento comunicativo que cercam a **Produção II** — o receptor é um aluno de uma série inferior, existe limitação de tempo e não há acesso a pesquisa, mas o gênero textual proposto é um depoimento, que pode adequadamente ser feito lançando-se mão apenas da memória — favorecem a criação de um texto com bom nível de **informatividade**. Portanto, os números devem ser *relativizados*.

Esperava-se que houvesse não uma simples diferença como se verificou, mas uma discrepância, encontrando-se, por um lado, a maioria dos textos da **Produção I** com baixo nível de **informatividade** (como se constatou), e, por outro, a maioria dos textos da **Produção II** com bom nível de **informatividade** (o que não se constatou).

#### **4.1 Previsibilidade das informações**

##### *Tabela 14*

#### **TEXTOS COM INFORMAÇÕES ALTAMENTE PREVISÍVEIS**

<b>Produção Textual I</b>	<b>Produção Textual II</b>
97%	73%

Explica-se a maior quantidade de textos com problema de previsibilidade da informação na Produção Textual I, 97%, que na Produção Textual II, 73%, porque as duas situações comunicativas são bem diversas, na verdade, rigorosamente, a Produção I não está inserida num ato de comunicação.

Na Produção I, é o leitor — o professor — quem estabelece o tema sobre o qual os autores têm de escrever, logo, antes de receber o texto ele já presume quais informações serão dadas. Além disso, as circunstâncias em que os textos foram produzidos (proibição a pesquisa, limitação de tempo e tensão, por se tratar de uma prova) e a escritura de um artigo de opinião (gênero de texto que exige habilidades como formulação de argumentos consistentes e capacidade de refutação de pontos de vistas) dificultaram, ainda mais, a criação de um texto que pudesse ter um bom nível de **informatividade**.

Já na Produção II, o leitor é um aluno de uma série inferior à que está cursando o autor; tem, teoricamente, menos conhecimento; não possui poder de, oficialmente, aprovar ou reprovar o produtor por meio de uma nota; espera um texto do gênero depoimento, que parece de mais fácil elaboração que um artigo de opinião. Ainda que as circunstâncias desta Produção também exijam limitação de tempo e não realização de pesquisas, favorecem a criação de um texto com um bom nível de **informatividade**.

Em decorrência, o número de textos com informações altamente previsíveis na Produção II, 73%, chega a causar maior impacto que o número constatado na Produção I, 97%, uma vez que parecia bem mais fácil a empreitada de informar a outros alunos a experiência vivida na escolha de um curso superior de que realizar uma prova, manifestando seu ponto de vista sobre a pobreza.

## 4.2 Insuficiência dos dados

Tabela 15

### TEXTOS COM INSUFICIÊNCIA DE DADOS

Produção Textual I	Produção Textual II
89%	65%

O número de textos com dados insuficientes para a compreensão na Produção Textual I é 24% superior ao encontrado na Produção Textual II.

Acontece que, ao escrever um artigo de opinião quase de improviso, tendo-se apenas dois textos-base como fonte de consulta, torna-se complicado colocar à disposição do leitor dados completos. Ao contrário, avalia-se como menos complexo dar informações substanciais a respeito de uma experiência vivida, no caso dos depoimentos propostos sobre a opção feita para o vestibular.

Supõe-se que seria bem mais difícil produzir, com um bom nível de **informatividade**, o primeiro texto que o segundo.

Assim, as falhas quanto à previsibilidade dos dados parecem mais sérias na Produção II, mesmo que percentualmente menores, que na Produção I.

## 4.3 Desrespeito ao mundo real

Tabela 16

### TEXTOS QUE DESRESPEITAM O MUNDO REAL

Produção Textual I	Produção Textual II
--------------------	---------------------

57%	30%
-----	-----

Como no item anterior “*Insuficiência dos dados*”, o número de infrações cometidas contra o *mundo real* na Produção Textual I é bem superior àquele cometido na Produção Textual II.

Aqui, entretanto, a diferença parece significativa, já que as exigências de se obedecer ao mundo real são semelhantes. Da mesma forma que é preciso ter conhecimento de que quem morreu na cruz foi Jesus e não Deus, como afirma o texto **01** da Produção Textual I “*Deus morreu na cruz*”, é preciso saber que os animais não são iguais aos humanos, como postula o texto **24** da Produção II “*o animal é igual a nós humanos*”. Do mesmo modo, em ambos os grupos de textos, o autor não poderia contradizer-se, como fez no texto **09** da Produção I:

“A nossa sociedade faz com que você tenha **discriminação** com outra **pessoa inferior a você (...)**”

e no texto **12** da Produção II:

“**Em um passado não tão distante**, antes da Revolução Industrial, a escolha profissional restringia-se à duas condições, o dinheiro para pagar e os cursos a serem oferecidos, Medicina, Direito e Ciências em Geral eram as opções tanto disponíveis como impostas pelo pai, porém **hoje isto não passa de passado e bem distante.**”

Onde, então, descobrir as causas de um índice maior de infração quanto ao mundo real na Produção I que na II? Uma causa possível é o conhecimento que o aluno tem do assunto sobre o qual vai escrever. É razoável supor que o aluno, no ano em que vai prestar vestibular, saiba mais sobre escolha de profissão, cursos superiores, que a respeito de pobreza. E, como sabe menos sobre a questão da

pobreza, para cumprir a tarefa de escrever o texto com o limite de linhas imposto, se vê obrigado a colocar qualquer idéia no papel, para preencher o espaço.

#### 4.4 Problemas quanto às técnicas de arranjos de seqüências, de acordo com a informatividade – relação título x texto

**Tabela 17**

<b>Produção Textual I</b>	<b>Produção Textual II</b>
14%	11%

O número de falhas na elaboração dos títulos, item que foi analisado nas *técnicas de arranjo de seqüências*, é equivalente, segundo se observa, nas Produções Textuais I e II — 14% e 11%, respectivamente.

Considera-se bom o desempenho dos alunos neste item, já que os títulos são adequados em 86% da Produção Textual I e 89% na Produção II.

#### 4.5 Problemas quanto aos gêneros textuais

**Tabela 18**

##### **TEXTOS QUE APRESENTAM PROBLEMAS QUANTO AOS GÊNEROS**

<b>Produção Textual I</b>	<b>Produção Textual II</b>
30%	43%

Em ambas as produções textuais, de acordo com os dados mostrados na tabela acima, mais da metade dos textos apresentam bom nível no que se refere à constituição dos gêneros.

#### 4.6 Problemas considerando-se o contexto imediato

Tabela 19

#### TEXTOS QUE APRESENTAM PROBLEMAS CONSIDERANDO-SE O CONTEXTO IMEDIATO

Produção Textual I	Produção Textual II
0%	70%

Dos itens investigados, este é o único em que a qualidade da Produção Textual I supera, por grande margem, a qualidade da Produção Textual II, já que em “*gêneros textuais*”, há uma diferença de 13%.

Conforme se vê na tabela, os autores na Produção I agiram de acordo com o que esperava o receptor, considerando o contexto imediato: escreveram, todos, um artigo de opinião sobre a pobreza. Ao contrário, na Produção II, só em parte os produtores atenderam às expectativas do leitor, porque embora todos hajam escrito sobre a escolha de um curso superior, 70% deles não construíram um depoimento, e sim um artigo de opinião.

Deve-se destacar o fato de a maioria dos alunos estarem tão condicionados à produção de textos dissertativos que não consideram outros gêneros textuais — fenômeno detectado na Produção Textual II, em que a orientação distribuída com os alunos sugeria a escritura de um depoimento, entretanto a maior parte dos alunos escreveu um artigo.

O comprometimento do nível de **informatividade** não só da Produção Textual I, mas também da Produção Textual II indica que, além do tratamento artificial que é dado ao texto na sala de aula, há outras causas responsáveis pelo baixo padrão de **informatividade** nos textos aqui analisados.



## 5. Conclusões

Revelou a análise dos dados que a artificialidade característica do trabalho com texto na escola é relevante para o alto índice de falhas ligadas à **informatividade**. A inexistência de uma situação comunicativa verdadeira, de um interlocutor real, de condições naturais de produção, com realização de pesquisa quando o caso exige, tornam difícil a escritura de textos com bom padrão de **informatividade**.

Se não há um interlocutor bem definido, é difícil para o aluno decidir que informações devem ser dadas no texto, quais aquelas que precisam de maiores detalhes e quais as que podem ser omitidas. Se não há permissão de consulta a material de pesquisa, conseqüentemente certos gêneros, como o artigo de opinião, por exemplo, tenderão a apresentar apenas afirmações genéricas, ou informações que circulam no senso comum, dados que carecem de comprovação.

Não decorre, entretanto, o baixo nível de **informatividade** demonstrado nos textos que integram o *corpus* desta pesquisa somente das condições artificiais em que se trabalha com o texto no cotidiano escolar. Haja vista que o padrão de **informatividade** manifestado na Produção Textual II também é precário, embora exista uma situação comunicativa real, com um interlocutor bem definido (os alunos de outras séries); uma intencionalidade clara (contar a experiência para escolha de um curso superior); condições de produção naturais (embora não se tenha recorrido a pesquisa, o texto proposto, um depoimento, poderia ser satisfatoriamente feito apenas lançando-se mão da memória). Saliente-se que a limitação de tempo impedia uma revisão dias depois e até uma reescritura, rotina comum em muitos casos de criação de textos.

O baixo padrão de **informatividade** resulta também da necessidade de maior domínio dos alunos sobre a língua em sua modalidade escrita, da falta de competência para o uso dos gêneros textuais adequados às diversas situações comunicativas.

Contribui, ainda, para o insatisfatório padrão de **informatividade** dos textos analisados, a ausência de um domínio de conhecimento enciclopédico razoável por parte dos alunos. Espera-se que a escola, num período de 11 anos — 8 do ensino médio e 3 do ensino fundamental —, seja capaz de dotar os alunos desse conhecimento.

Pelo que foi exposto, apontam-se três possíveis respostas à pergunta central que motivou esta pesquisa: *Por que o nível de informatividade em textos de alunos do ensino médio é baixo?* A primeira: *as situações artificiais que envolvem a produção de texto na sala de aula*; a segunda: *a falta de domínio suficiente dos alunos sobre a modalidade escrita da língua, com habilidade para “praticar” os diversos gêneros textuais*; a terceira: *o não-domínio de conhecimentos enciclopédicos básicos pelos alunos*.

A partir das constatações aqui realizadas, pode-se indicar algumas alternativas para a melhoria do nível de **informatividade** nos textos dos alunos do ensino médio.

Sugere-se que aceitar o pressuposto de que a escola é de fato o lugar do aprendizado, do exercício das atividades, não implica aceitar que seja o lugar do artificialismo e apenas da simulação. Desta forma, deve a escola procurar favorecer situações reais de comunicação, com propósito comunicativo, interlocutor e condições de produção reais.

Adotada tal estratégia, o professor deixaria de ser o interlocutor artificial e passaria a acompanhador dos progressos do aluno no desenvolvimento da textualidade. Várias são as possibilidades de uso do texto como ocorrência comunicativa, com o seu caráter, de fato, sócio-cognitivo-interacional, pelos estudantes. Escrita de cartas à seção *Cartas à Redação* de um jornal ou revista, concordando com uma determinada reportagem, artigo ou notícia, ou discordando deles. Redação de texto de abaixo-assinado, reivindicando alguma melhoria para a escola e/ou comunidade. Criação de convite para os eventos que têm lugar na escola.

Elaboração de jornal escolar. O papel do professor, nestas atividades, não seria simular um receptor, mas avaliar se o texto está adequado ao propósito comunicativo, se dá as informações necessárias, se usa a variante lingüística pertinente, se cumpre as exigências do gênero a que pertence. Nada impede, contudo, que, em certas ocasiões, o professor seja também o interlocutor dos alunos, mas sem artificialismo, por exemplo, num texto em que aqueles avaliem a prática pedagógica deste.

Em conseqüência do trabalho com textos em situações concretas, os alunos teriam acesso aos diversos gêneros em que se realiza a comunicação, passando a dominá-los.

Investido da sua condição de orientador e avaliador e não desempenhando o duplo papel de receptor artificial e avaliador do texto, o professor poderia focar com seus alunos questões específicas práticas de **informatividade**, ficando ao seu critério uma abordagem teórica em maior ou menor grau.

É claro que só com o domínio dos outros padrões de textualidade — **coerência, coesão, situacionalidade, intertextualidade, aceitabilidade e situacionalidade** — o aluno terá condições de produzir textos com bom nível de **informatividade**, o que não impede que metodologicamente este item seja isoladamente estudado.

Para que estas sugestões ultrapassem o mero significado de mais uma simples atividade escolar, é preciso que o aluno insira-se no processo de **letramento**; que as práticas inerentes ao **letramento** passem a fazer parte do seu cotidiano; que, por exemplo, ao escrever à seção de cartas de um jornal comentando determinada matéria, não o faça apenas como exercício escolar proposto pelo professor, mas o faça, sobretudo, porque saiba que, dentre outras coisas, “**Letramento** é informar-se através da leitura, é buscar notícias e lazer nos jornais, é interagir com a imprensa diária, fazer uso dela, selecionando o que desperta interesse, divertindo-se com as tiras de quadrinhos” (Soares, 2001: 42).

A inserção do aluno no **letramento** proporcionaria também um conhecimento enciclopédico razoável, de modo natural.

Embora os resultados sobre **informatividade** encontrados nesta pesquisa sejam preocupantes, não são desanimadores. Se os alunos demonstram ter aprendido razoavelmente aquilo que lhes foi ensinado, como a estrutura do artigo de opinião, fica a perspectiva de que também terão o domínio sobre o conteúdo que lhes for apresentado numa reorientação para o trabalho com texto.

Não se quer lançar a responsabilidade do nível de **informatividade** diagnosticado sobre os ombros dos professores, apesar de sua prática poder haver contribuído para isso, pois eles são integrantes de uma engrenagem maior: o sistema escolar. Mas, eximi-los de qualquer responsabilidade, seria desacreditá-los de qualquer esperança de procederem a um trabalho com texto que contemple situações naturais de comunicação, o que resultará na possibilidade de produção de textos com bom nível de **informatividade**.

Ao término desta pesquisa, acredita-se que o objetivo — encontrar possíveis causas para o baixo nível de **informatividade** em textos de alunos do ensino médio — foi cumprido.

Resulta evidente a necessidade de se descobrir eventuais aspectos que envolvem a questão e de que esta dissertação não dá conta. Deu aqui o pesquisador apenas os primeiros passos de uma jornada, a que espera dar continuidade futuramente.

## 6. Bibliografia

- AMARAL, Luiz. *Técnica de jornal e periódico*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Brasília: INL, 1987.
- BANDEIRA, Manuel. *Estrela da vida inteira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.
- BEAUGRANDE, Robert de, DRESSLER, Wolfgang U. *Introduction to text linguistic*. Londres/New York: Longman, 1981.
- BEAUGRANDE, Robert de. *Text, discourse and process*. Londres: Longman, 1980.
- BUENO, Eduardo. O ovo de Colombo da corda de nós. *Época*, Rio de Janeiro: Globo, ano II, nº 99, abr. 2000.
- CAMÕES, Luís de. *Os lusíadas*. São Paulo: Cultrix, 1982.
- CARDOSO, Sílvia Helena Barbi. *Discurso e ensino*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- CHAROLLES, Michel. *Introduction aux problèmes de la cohérence des textes*. Langue Française, nº 38. Paris: Larousse.
- COSTA VAL, Maria da Graça. *Redação e textualidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- COSTA VAL, Maria da Graça et al. *Professor-leitor aluno-autor: reflexões sobre avaliação do texto escolar*. Belo Horizonte: Intermédio, Cadernos CEALE. v. 3. Ano II, out. 1998.
- DE SOUSA, Josias. O futuro não existe. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 17 jul. 1996. Apud INFANTE, Ulisses. *Do texto ao texto*. 3. ed. São Paulo: Scipione, 1999.
- DIJK, Teun A.van, KINTSCH, Walter. *Strategies of discourse comprehension*. Orlando: Academic Press, 1983.
- DIJK, Teun A.van. *Coherence as a principle in the interpretation of discourse*. Amsterdã: Text, 1983.
- \_\_\_\_\_. *Some aspects of grammar*. Paris: The Hague, 1972.
- FÁVERO, Leonor Lopes et al. *Oralidade e escrita — perspectivas para o ensino de língua materna*. São Paulo: Cortez, 1999.
- FÁVERO, Leonor Lopes, KOCH, Ingedore Villaça. *Linguística textual: introdução*. São Paulo, Cortez, 1988.
- FÁVERO, Leonor L. A informatividade como elemento de textualidade. In: *Letras de hoje*, 60: 13-20, jun. 1985. Porto Alegre: PUC-RS.

- \_\_\_\_\_. *Coesão e coerência textuais*. 9. ed. São Paulo: Ática, 2002.
- GERALDI, João Wanderley et al. *O texto na sala de aula: leitura & produção*. Paraná: Assoeste, 1984.
- GERALDI, João Wanderley. *Portos de passagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- GHILARDI, Maria Inês. A informatividade no discurso jornalístico. In R. *Letras*, PUECCAMP, Campinas, dez. 1994.
- HALLIDAY, M. A. K., HASAN, H. *Cohesion in English*. London: Longman, 1976.
- JAKOBSON, Roman. *Linguística e comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1999. Trad. Izidoro Blikstein e José Paulo Paes.
- TELEFÔNICA e PT querem ganhar o país. *Jornal do Commercio*, Recife, 27 de janeiro de 2001.
- KATO, Mary A. *No mundo da escrita*. 7. ed. São Paulo: Ática, 1999.
- KAUFMAN, Ana Maria, RODRÍGUEZ, María Helena. *Escola, leitura e produção de textos*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995. Trad. Inaja Rodrigues.
- KLEIMAN, Angela. *Texto & leitor — aspectos cognitivos da leitura*. Campinas: Pontes, 1989.
- KOCH, Ingedore Villaça, TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *A Coerência textual*. São Paulo: Contexto, 1990.
- \_\_\_\_\_. *Texto e coerência*. 7. ed. São Paulo: Cortez 2000.
- KOCH, Ingedore Villaça. *A coesão textual*. São Paulo: Contexto, 1989.
- \_\_\_\_\_. *A ineração pela linguagem*. São Paulo: Contexto, 1995.
- \_\_\_\_\_. *O Texto e a construção dos sentidos*. São Paulo: Contexto, 1997.
- KOPPLIN, Elisa, FERRARETTO, Luiz Artur. *Assessoria de imprensa*. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 1993.
- LEITE DO CANTO, Eduardo. *Ciências naturais, aprendendo com o cotidiano*. São Paulo: Moderna, 2001.
- MAGALHÃES, Manoel Vilela de. *Produção e difusão da notícia*. São Paulo: Atlas, 1979.
- MARCUSCHI, Elizabeth, VIANA, Marígia. Textos de alunos da quarta série: aspectos tipológicos. In: *Investigações linguísticas e teoria literária*, v. 11. Recife: UFPE, 2000.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Linguística de texto: o que é e como se faz*. Recife: UFPE, Série Debates, 1, 1983.

- \_\_\_\_\_. *Análise da conversação*. São Paulo: Ática, 1986.
- \_\_\_\_\_. *Da fala para a escrita – atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2000.
- \_\_\_\_\_. Gêneros textuais: definição e funcionalidade In: PAIVA, Angela Dionisio, MACHADO, Anna Rachel, BEZERRA, Maria Auxiliadora (Org.). *Gêneros textuais & ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Gêneros textuais: o que são e como se constituem (em preparação)*. Recife: Universidade Federal de Pernambuco.
- MENEGASSI, Renilson José, CHAVES, Maria José Afonso. O título e sua função estratégica na articulação do texto. In: *Linguagem e ensino*. v. 3, nº 1. Pelotas: EDUCAT, 2000.
- PÉCORA, Alcir. *Problemas de redação*. São Paulo: Martins Fontes, 1983.
- SABINO, Fernando. *A mulher do vizinho*. Rio de Janeiro: Record, 1984. *Apud* SOARES, Magda. *Português através de textos*. 3. ed. São Paulo: Moderna, 1990.
- SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- VILELA, Mário, KOCH, Ingedore Villaça. *Gramática da língua portuguesa*. Coimbra: Almedina, 2001.

## 7. Anexos

### 7.1 Orientação para a Produção Textual I

#### REDAÇÃO

Orientação - Leia atentamente os textos abaixo, a fim de sentir-se motivado (a) para desenvolver o seu TEMA:

Atenção:

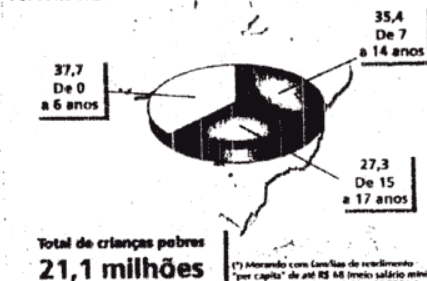
Para fazer seu texto siga estas orientações:

- 1 - Leia atentamente os textos dados
- 2 - Reflita calmamente sobre a questão que lhe foi proposta
- 3 - Crie um título para o seu texto (elabore um título coerente com o título criado)
- 4 - Atenda às normas gramaticais
- 5 - Obedeça ao limite de linhas (20 a 25)



(Folha de S. Paulo, 15/12/99.)

Percentual de crianças e adolescentes pobres no Brasil (\*)  
Por faixa etária



(\*) Morando em famílias de rendimento "per capita" de até R\$ 48 (reais) salário mínimo)  
Fonte: Ministério da Saúde/Projeto CEB/Unicef, 99.



## 7.2 Orientação para a Produção Textual II

### ORIENTAÇÃO PARA PRODUÇÃO DE TEXTO

Caro(a) Aluno(a),

Daqui a poucos meses você estará fazendo vestibular. Na sua escolha, talvez tenham sido importantes as opiniões de seus pais ou de um irmão mais velho; a admiração por certos profissionais bem sucedidos em áreas atraentes; o esclarecimento feito por professores e orientadores vocacionais, ou, ainda, um sonho de infância que não pode ser muito bem explicado.

Ao optar pela carreira que pretende seguir, você deve ter levado em conta aspectos como sua afinidade com as atividades que ela exige, valorização pela sociedade, salário, etc.

Nos próximos anos, seus colegas vão escolher um curso para o qual prestarão vestibular. Você pode contribuir com eles, informando num texto por que escolheu este curso para o qual vai prestar vestibular. Seu texto será reunido com os dos outros alunos da turma, formando uma coletânea, que servirá de material de consulta para os estudantes do Americano Batista que vão escolher um curso universitário.

O texto deverá ter de 20 a 25 linhas. Você deverá dar um título ao texto.

### 7.3 Tabelas para avaliação dos textos

#### AVALIAÇÃO DAS FONTES DE EXPECTATIVAS

#### INFRAÇÕES COMETIDAS

TEXTO:

<b>Itens</b>	<b>Nº de infrações</b>
Suficiência dos dados	
Mundo real	
Arranjo de seqüências – relação título x texto	
Gêneros textuais	
Contexto imediato	

**AVALIAÇÃO DA INFORMATIVIDADE  
PRODUÇÃO TEXTUAL:**

TEXTO:

INFORMAÇÃO	NÍVEL DE INFORMATIVIDADE		
	BAIXO - 1	MÉDIO - 2	BOM - 3

AVALIAÇÃO GERAL DO TEXTO		
soma dos valores atribuídos às informações	nº de informações	resultado

NÍVEL DE INFORMATIVIDADE DO TEXTO		
BAIXO (De 1 a 1,5)	MÉDIO (De 1,6 a 2,5)	BOM (De 2,6 a 3,0)